



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

**ANTROPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO CATÓLICA
NO SERTÃO ALAGOANO:
OS CASOS DE SIZO E TEREZA**

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

**ANTROPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO CATÓLICA
NO SERTÃO ALAGOANO:
OS CASOS DE SIZO E TEREZA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Descrição linguística e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

São Cristóvão
2026

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

**ANTROPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO CATÓLICA
NO SERTÃO ALAGOANO:
OS CASOS DE SIZO E TEREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Texto aprovado em 06/02/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos
Universidade Federal de Sergipe
Presidente (Orientador)

Prof. Dr. Eliabe Procopio
Universidade Federal de Sergipe
1º Examinador (Interno)

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto
Universidade Federal da Bahia
2º Examinador (Externo)

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A524a Amorim, Rubya Aunamita Brandão
Antropônimos de motivação católica no sertão alagoano : os casos de Sizo e Tereza / Rubya Sunamita Brandão Amorim ; orientador, Cezar Alexandre Neri Santos.– São Cristóvão, SE, 2026.
76 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2026.

1. Nomes pessoais – Alagoas. 2. Onomástica – Alagoas. 3. Religião. 4. Catolicismo. 5. Brasil, Nordeste. I. Santos, Cezar Alexandre Neri, orient. II. Título.

CDU 81'373.23



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO E DOUTORADO EM LETRAS



Ata de Exame de Defesa de Mestrado
apresentada por **RUBYA SUNAMITA
BRANDÃO AMORIM**, em 06 de fevereiro de
2026.

No sexto dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis, às quatorze horas e cinco minutos, reuniu-se, via *Google Meet*, a Comissão Examinadora para a defesa de Mestrado intitulada **ANTROPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO CATÓLICA NO SERTÃO ALAGOANO: OS CASOS DE SIZO E TEREZA**, composta por Cezar Alexandre Neri Santos, presidente e orientador; por Eliabe dos Santos Procópio, professor interno ao Programa; e Natival Almeida Simões Neto, da Universidade Federal da Bahia, professor externo à instituição. O presidente da Comissão deu início ao exame de defesa e a candidata fez a exposição oral de seu trabalho em até vinte minutos. Em seguida, cada examinador, por igual tempo, procedeu à arguição do trabalho. Terminada a arguição, a Comissão Examinadora se reuniu em particular para proceder à avaliação final. Retornando à sala, o presidente da comissão examinadora anunciou a **APROVAÇÃO** do trabalho de **RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM** na atividade **EXAME DE DEFESA** do Programa de Pós-Graduação em Letras. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata, aprovada e assinada pela Comissão.

Documento assinado digitalmente
 **CEZAR ALEXANDRE NERI SANTOS**
Data: 06/02/2026 15:36:10-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos
Universidade Federal de Sergipe
Presidente da Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ELIABE DOS SANTOS PROCÓPIO**
Data: 07/02/2026 18:15:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Eliabe dos Santos Procópio
Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno ao Programa

Documento assinado digitalmente
 **NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO**
Data: 06/02/2026 15:46:00-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto
Universidade Federal da Bahia
Examinador Externo à Instituição

AGRADECIMENTOS

É com profunda alegria e com a sensação de realização pessoal e profissional que expresso minha gratidão, primeiramente, a Deus, por ter plantado esse sonho em meu coração ainda na infância. Foi Ele quem tornou esse caminho possível, abriu portas e esteve comigo em todos os momentos, sustentando os meus pés sobre a rocha.

Agradeço à minha família e, de modo especial, à minha mãe, também formada em Letras Português/Inglês. Nunca a vi, em seus momentos livres, sem um livro nas mãos. Foi ela quem ensinou a mim e aos meus dois irmãos que o conhecimento adquirido permanece profundamente guardado em nossos corações.

Agradeço, ainda, ao meu querido professor e orientador, Cezar Alexandre Neri Santos. Conheci-o aos meus 17 anos, como professor da graduação, e fiquei profundamente impactada por sua didática, seu comprometimento com o conhecimento e com a pesquisa, sua postura profissional e, sobretudo, por sua humanidade no trato com as pessoas. Foi me inspirando nele que trilhei os caminhos da pós-graduação. Para mim, ele foi um modelo de profissional docente e de pessoa.

Há, ainda, alguém sem o qual nada disso teria sido possível: meu marido Samuel. Sou grata a Deus por sua vida e por sua presença constante ao meu lado. Não sei como teria conseguido sem você. Você acreditou em mim mais do que eu mesma e, mesmo quando minha saúde estava fragilizada, renunciou a muitas coisas para me oferecer apoio e cuidado. Esta realização não é apenas minha: é nossa, é da pequena família que estamos construindo.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a ocorrência de dois nomes pessoais, *Sizino* e *Tereza*, no sertão alagoano no tempo presente. O *corpus* da pesquisa foi construído de forma a permitir a análise de aspectos morfo-fonológicos e sócio-históricos que envolvem esses denominativos e constata que esses antropônimos apresentam motivação religiosa, como práticas de promessa e de homenagem religiosa, dada a devoção a dois referentes do catolicismo, o padre Sizino Lemos Telles Júnior (Alagoas, 1965-) e Santa Teresinha do Menino Jesus (França, 1873-1897). Toma-se como base teórico-metodológica trabalhos situados na Onomástica, e sua subárea Antroponímia, como Biderman (1998), Carvalhinhos (2005), Seide (2013) e Soledade (2025). Baseou-se em dados estatísticos oficiais do Censo Demográfico de 2024, disponíveis na plataforma *Nomes do Brasil*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em registros estudantis fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Mata Grande-AL. A análise dos dados do IBGE revela que o nome *Sizino* e suas variantes mórficas, como *Sizina*, *Cizina*, *Sisina* e *Siziane*, apresenta predominância nos estados de Alagoas e Paraíba, o que sugere uma nomeação regionalizada e vinculada às tradições religiosas. Já o nome *Tereza* apresenta difusão nacional, com forte presença nas regiões Nordeste e Sul do país. Assim, demonstra-se, mesmo num contexto de menor contingente demográfico como o sertão alagoano, que a ocorrência desses antropônimos se expressa por sua centralidade simbólica, ancorada na devoção católica e na memória familiar. Os resultados indicam recorrente denominação de sujeitos com a base nominal *Terez-* em relação à base *Siz-*, popularidade desses nomes na década de 2020 na região sertaneja de Alagoas, com diversidade morfológica, incluindo em posição de sobrenome.

Palavras-chave: Onomástica. Antroponímia. Religião. Catolicismo. Sertão nordestino.

ABSTRACT

This study investigates the occurrence of two personal names with the nominal bases *Sizino* and *Tereza* in the Alagoan backlands in the present time. The research corpus analyzes phono-morphological and socio-historical aspects surrounding these denominatives and shows that these anthroponyms are motivated by religious factors, such as practices of vows and religious homage, given the devotion to two Catholic referents: Father Sizino Lemos Telles Júnior (Alagoas, 1965–) and Saint Thérèse of the Child Jesus (France, 1873–1897). The theoretical and methodological framework is grounded in studies within Onomastics and its subfield Anthroponymy, drawing on authors such as Biderman (1998), Carvalhinhos (2005), Seide (2013), and Soledade (2025). The study is based on official statistical data from the 2024 Demographic Census, available on the *Nomes do Brasil* platform of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), as well as on student records provided by the Municipal Department of Education of Mata Grande, Alagoas. The analysis of IBGE data reveals that the name *Sizino* and its morphic variants, such as *Sizina*, *Cizina*, *Sisina*, and *Siziane*, show predominance in the states of Alagoas and Paraíba, suggesting a regionalized naming practice closely linked to religious traditions. The name *Tereza*, in turn, presents nationwide diffusion, with strong presence in the Northeast and Southern regions of Brazil. Thus, even in a context of lower demographic density such as the Alagoan backlands, the occurrence of these anthroponyms is shown to be marked by symbolic centrality, anchored in Catholic devotion and family memory. The results indicate a recurrent naming of individuals with the nominal base *Terez-* in comparison to the base *Siz-*, the popularity of these names in the 2020s in the backlands region of Alagoas, and morphological diversity, including their occurrence in surname position.

Keywords: Onomastics. Anthroponymy. Religion. Catholicism. Northeastern backlands.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fatores motivacionais de processos denominativos.....	23
Quadro 2 – Nomes de pessoas atrelados à fé católica com maior ocorrência, considerando os dados do Brasil e do estado de Alagoas	34
Quadro 3 – Variantes morfo-fonéticas para o antropônimo Tereza.....	51
Quadro 4 – Variantes morfo-fonéticas para o antropônimo Sizino.....	54
Quadro 5 – Caracterização dos antropônimos do corpus segundo base nominal, forma, estrutura e distribuição temporal.....	58

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Distribuição da população por grandes grupos religiosos de 1872-2022.	26
Imagem 2 – Distribuição da população de 10 anos ou mais de idade por grandes grupos de religião no Brasil 2010/2022.....	27
Imagem 3 – Distribuição da população por grandes grupos de religião, segundo as Grandes Regiões do Brasil.....	28
Imagem 4 – Distribuição de pessoas autodeclaradas católicas apostólicas romanas por unidade federativa no Brasil.....	29
Imagem 5 – Mapa de Alagoas com o sertão em destaque.....	37
Imagem 6 – Santuário de Santa Teresinha em Mata Grande, AL.....	38
Imagem 7 – Registro fotográfico de Santa Teresinha aos 22 anos.....	42
Imagem 8 – Interface da página Nomes no Brasil.....	45
Imagem 9 – Busca de prenome ou sobrenome na plataforma.....	46

SUMÁRIO

0 MOTIVAÇÃO DO TRABALHO.....	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 ANTROPONÍMIA E DENOMINAÇÃO RELIGIOSA.....	15
2.1 O ato denominativo	15
2.2 A natureza do nome	16
2.3 A dimensão mítico-religiosa dos nomes	18
2.4 Motivações denominativas	20
3 RELIGIÕES E OS IMPACTOS NO PROCESSO DENOMINATIVO NACIONAL	26
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1 O sertão alagoano como <i>locus</i> de fé e cultura.....	36
4.2 Uma introdução à plataforma do IBGE Nomes no Brasil.....	42
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	48
6 CONCLUSÕES.....	59
REFERÊNCIAS.....	62

0 MOTIVAÇÃO DO TRABALHO

Após cursar, na graduação em Letras, o componente curricular *Onomástica da Língua Portuguesa* e defender, como Trabalho de Conclusão de Curso, a monografia *Onomástica Bíblica: processos denominativos de pessoas e de lugares* (Amorim, 2023), mantive vivo o interesse pelos processos de nomeação e pelas relações de poder que atravessam dimensões religiosas. A pesquisa, naquele momento, permitiu que eu articulasse o que estudava na academia com aquilo que vivi em minha própria história, e essa ponte entre vida e teoria se tornou o motor das investigações que hoje desenvolvo.

Nascida e criada em uma comunidade protestante tradicional que utiliza nomes bíblicos como base do repertório onomástico da comunidade, recebi de meu pai um nome bíblico, assim como meu irmão gêmeo. Eu, Rubya Sunamita, em referência a personagem da passagem de 2 Reis: 4; ele, Ruy Daniel, em referência ao livro do profeta Daniel. À medida que avançava em minha pesquisa, comecei a olhar para as práticas denominativas que me cercavam e a questionar as escolhas que haviam moldado a minha identidade. Meu pai teve onze filhos, todos com nomes iniciados pela letra *R*; no entanto, apenas eu e meu irmão gêmeo recebemos segundos nomes e, mais do que isso, nomes da tradição bíblica.

Foi em uma de nossas últimas conversas, já no fim da vida dele, que compreendi a ruptura que esses nomes representavam. Segundo meu pai, nossa denominação simbolizava o momento de sua conversão, uma virada espiritual e existencial que ele desejava inscrever também nos nomes dos filhos. Ele me contou, com a serenidade de quem revisita sua própria trajetória, que nossos nomes carregam significados proféticos: meu irmão, “aquele que tem a Deus como juiz”, porque Deus é justo e misericordioso; eu, “aquela que vivencia milagres”, pois ele acreditava que minha vida seria marcada por acontecimentos que alcançariam o extraordinário.

Essa descoberta, íntima, delicada e profundamente simbólica, não apenas deu sentido ao meu nome, mas também abriu novas perguntas para minha trajetória acadêmica. Compreendi que escrutinar nomes implica em investigar as formas pelas quais as pessoas narram sua fé, rupturas, desejos e seus mundos possíveis. É dessa experiência pessoal que nasce a força motivadora que sustentou o meu percurso e me deu fôlego para escrever esta dissertação.

1 INTRODUÇÃO

O batismo de pessoas por motivação religiosa constitui um *modus nominandi tradicional* amplamente documentado pelos estudos onomásticos, sobretudo em comunidades historicamente vinculadas a instituições, crenças ou práticas religiosas. A onomástica, enquanto campo de investigação dedicado ao estudo dos nomes próprios e de seus processos de atribuição, permite compreender que o ato de nomear ultrapassa a dimensão meramente identificadora, assumindo funções simbólicas, culturais e ideológicas. Nesse sentido, os nomes pessoais podem refletir valores coletivos, sistemas de crença, expectativas sociais e vínculos identitários compartilhados por determinados grupos.

No âmbito da onomástica religiosa, observa-se que a escolha dos antropônimos está frequentemente associada a narrativas sagradas, personagens bíblicos, santos, líderes religiosos ou figuras dotadas de forte prestígio espiritual. Em comunidades cristãs, por exemplo, essa prática revela-se recorrente e socialmente legitimada, funcionando como forma de perpetuação da fé, de cumprimento de promessas, de pedidos de proteção divina ou de consagração simbólica do nomeado. Assim, o nome próprio passa a operar como um signo carregado de significados transcendentais, inscrevendo o indivíduo em uma rede simbólica que articula religião, memória e identidade.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, ao identificar a recorrência significativa do nome masculino *Sizino* e do nome feminino *Tereza* em um *locus* específico: municípios da região imediata do sertão alagoano. A elevada frequência desses antropônimos não pode ser compreendida apenas como resultado de escolhas afetivas ou familiares, mas como expressão de práticas denominativas marcadas por forte motivação religiosa. Tais nomes funcionam, nesse espaço sociocultural, como marcadores de fé, promessa ou consagração, podendo ser interpretados *como nomes proféticos*, nos termos propostos por Amorim (2023), uma vez que projetam sobre o nomeado expectativas espirituais, identitárias e comunitárias.

Os estudos de processos denominativos tratam de fenômenos linguísticos e socioculturais que extrapolam a esfera privada e merecem investigações acadêmicas, dada sua relevância simbólica e discursiva na constituição dos sujeitos nas comunidades em tela. Assim, colabora-se para reflexões que evidenciam, por exemplo,

que crenças, costumes, valores e mesmo relações de poder têm sido passados de geração em geração (Santos, 2015).

Assinalamos o estado de Alagoas como espaço de devoção e destino de romarias e práticas de culto religioso. Nessa região, encontram-se, por exemplo, o *Santuário de Santa Teresinha* e a *feira anual* em homenagem ao Padre Sizino, em Mata Grande-AL; e o *Santuário de Senhora Sant'Ana*, em fase de construção, em Santana do Ipanema-AL, aqui tomadas para argumentar a presença de uma comunidade católica que cultiva e homenageia figuras religiosas como o padre alagoano *Sizino Lemos Telles Júnior* (conhecido como Padre Sizo de Santa Teresinha) e a *Santa Teresinha do Menino Jesus* (França, 1873-1897).

Diante desse cenário, pensamos como problema de pesquisa: como se comporta a distribuição denominativa dos antropônimos variantes dos nomes-base *Sizino* e *Tereza* no sertão alagoano, segundo os registros demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) e os dados disponibilizados pelas Secretaria de Educação de Mata Grande (SEDUC), em Alagoas, no século XXI? Ao compreender práticas denominativas de homenagem, promessa ou afirmação de uma identidade comunitária, o objetivo geral da pesquisa é analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na recorrência dos nomes *Sizino* e *Tereza* em contextos de denominação religiosa no sertão de Alagoas. Como objetivos específicos, traçamos: (i) identificar e interpretar fatores sócio-históricos e religiosos que motivam a escolha desses antropônimos na comunidade estudada; e (ii) descrever suas propriedades linguísticas, sobretudo variações fono-morfológicas que caracterizam as diferentes formas registradas.

Este trabalho insere-se disciplinarmente na Onomástica, ramo da Linguística dedicado ao estudo dos nomes próprios. Mais especificamente, foca em conceitos da Antroponímia/Antroponomástica, que investiga os nomes de pessoas considerando aspectos estruturais, históricos e discursivos. A natureza interdisciplinar do estudo se dá pela articulação com saberes e fundamentos da História e da Sociologia da religião, considerando a análise de elementos que envolvem a constituição e a(s) escolha(s) dos nomes *Sizino* e *Tereza* no contexto cultural de devoção religiosa no referido *locus*.

Nessa perspectiva, as contribuições de estudos como Martins (1991), Carvalhinhos (2003) e Amaral (2011) possibilitaram situar o objeto observacional na Onomástica. Historiograficamente, a compreensão do estudo dos nomes próprios se deu via Amaral e Seide (2020), que oferecem um estudo abrangente quanto à

antroponímia brasileira, e Soledade (2024), que situa a chamada *revolução antroponímica* no Brasil.

Quanto a denominações relacionadas à dimensão mítico-religiosa, listamos, de forma não exaustiva, os trabalhos de Seide (2016), sobre a influência das práticas devocionais na escolha de nomes próprios em Marechal Cândido Rondon-PR; e Taibi-Maghraoui (2021), que estuda a realidade argelina para indicar que a motivação religiosa também estrutura práticas denominativas em contextos não cristãos, especialmente sob a centralidade do Islã. Num *locus* aproximado, a dissertação de Santos (2015), defendida neste PPGL/UFS, discute aspectos culturais e ideológicos por meio de documentos da Freguesia de São Cristóvão-SE para argumentar o papel da Igreja Católica na configuração onomástica sergipana desde o período colonial.

A motivação religiosa como força propulsora de atos de denominação não está totalmente descrita e carece de aprofundamento no contexto brasileiro contemporâneo. Ao problematizar os processos de nomeação vinculados ao culto do Padre Sizino e à devoção a Santa Teresinha no sertão alagoano, discutimos como fatores socioculturais, linguísticos e religiosos estão relacionados à constituição de identidades comunitárias por meio da antroponímia.

Do ponto de vista linguístico, analisamos os processos onomásticos, entendendo-os como meio pelos quais uma comunidade escolhe, cria, adapta ou muda nomes de pessoa para identificar, homenagear, expressar preferências, participar de tendências, marcar mudanças de vida, entre outras possibilidades.

Para exemplificar, em meu trabalho *Processos de denominação bíblica de pessoas e lugares*, no que se refere aos antropônimos, destaquei os processos denominativos bíblicos que originaram nomes categorizados como, *nomes escolhidos por Deus, nomes mudados por Deus, nomes escolhidos por pessoas, nomes proféticos, nome como fortalecedor de profecias e nome como um descritor da vida*, destacando os agentes envolvidos no processo, em qual momento da vida estava o personagem quando houve a denominação/mudança e quais impactos esse processo trouxe para a trajetória do personagem, como fica mais claro nas categorias *um indivíduo muda o nome de outro indivíduo e um indivíduo muda seu próprio nome*.

Além disso, aqui também focamos nas estruturas formais dos nomes, do ponto de vista sociopolítico, observamos os vínculos entre fé, promessas, homenagens na escolha e circulação desses nomes; numa perspectiva histórica, recuperamos práticas

ancestrais e compreendemos como determinadas figuras influenciam e moldam repertórios onomásticos tanto localizados quanto genéricos.

O *corpus* do estudo é composto pelos antropônimos relacionados à base nominal *Siz-* e *Terez-*. A principal fonte de dados foi a plataforma oficial *Nomes do Brasil*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), da qual extraímos informações demográficas, (frequência e índice de popularidade) do *locus* selecionado e distribuimos em quadros para a apresentação.

A opção de recorte geográfico, com destaque para o estado de Alagoas, relaciona os dados estatísticos à dimensão sociocultural da região investigada. Numa dimensão linguística, cruzamos os dados quantitativos com categorias linguísticas e extralinguísticas para revelar padrões de uso e circulação relativos à religiografia, processos grafo-fonéticos e morfológicos, marcações de grau e de gênero e outras ocorrências.

A estrutura do trabalho está dividida nesta seção introdutória, na seção Antroponímia e denominação religiosa, que apresenta o enquadramento teórico que sustenta a investigação, discutindo o ato denominativo, a natureza dos nomes próprios, a dimensão mítico-religiosa que acompanha práticas de nomeação em diferentes culturas e as motivações que conduzem à recorrência de determinados antropônimos no Brasil.

Na sequência, a seção Religião no Brasil segundo o IBGE (2022), amplia a compreensão do fenômeno ao situar o panorama religioso brasileiro segundo dados recentes do IBGE (2022). Esse contexto estatístico permite observar tendências de devoção, transformações no perfil religioso nacional e a permanência de tradições católicas e cristãs que influenciam, direta ou indiretamente, processos de escolha de nomes próprios em comunidades específicas.

A seção Território da pesquisa e referencial estatístico nacional, dedica-se à caracterização do território investigado, o sertão alagoano, compreendido aqui como espaço de fé, memória e cultura. Nesse momento, apresenta-se também a plataforma *Nomes no Brasil* (IBGE), principal fonte de dados do estudo, detalhando suas funcionalidades, filtros e possibilidades de análise, o que fundamenta o percurso metodológico adotado.

Na seção posterior descrevemos o tratamento dos dados e a análise: apresentam-se tabelas, comparações, padrões de distribuição geográfica das variantes dos nomes-base *Sizino* e *Tereza*, bem como a discussão linguística grafo-fonética,

morfológica e sociocultural que emerge desses registros, permitindo compreender como fatores de fé, devoção, promessas e homenagens articulam-se à formação de repertórios denominativos locais. Por fim, expõem-se as considerações finais, retomando os objetivos traçados, questões norteadoras e hipóteses, apontando as contribuições teóricas e práticas da pesquisa, suas limitações e possíveis desdobramentos futuros.

Diante do exposto, compreendemos que a nomeação de pessoas, especialmente em contextos religiosos, é um fenômeno complexo que articula dimensões linguísticas e sócio-históricas. É justamente a partir dessa compreensão mais ampla que, ao investigar os nomes *Sizino* e *Tereza* nos municípios do sertão alagoano (como Mata Grande, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema e Piranhas) buscamos contribuir para os estudos onomásticos, especialmente no que se refere à motivação religiosa. Assim, esta pesquisa se propõe a lançar luz sobre como a fé, a tradição e as práticas discursivas de uma comunidade influenciam escolhas onomásticas e reforçam identidades coletivas.

2 ANTROPONÍMIA E DENOMINAÇÃO RELIGIOSA

Nesta seção de caráter teórico, caracterizamos e exemplificamos práticas de nomeação de pessoas e como nomes próprios se relacionam a aspectos culturais, religiosos e sócio-históricos. Para isso, apresentamos inicialmente o funcionamento do ato denominativo e a natureza dos nomes próprios. Ao assinalar fatores motivacionais que norteiam o batismo de pessoas, tanto na esfera privada quanto pública, focamos em práticas denominativas de motivação religiosa no Brasil, em especial onomásticos católicos.

2.1 O ato denominativo

O processo denominativo, também chamado de onomástico, é universal, mas não uniforme, simples ou estável. Existe uma grande diversidade de estruturação e organização dos sistemas onomásticos nas variadas línguas e culturas do mundo (Amaral; Seide, 2011). De maneira geral, o processo denominativo é caracterizado por aspectos como a *identificação e individualização* de um sujeito, lugar ou coisa, especificamente aqui tratamos de antropônimos, item lexical que permite que as

peçoas sejam nomeadas e reconhecidas, o que proporciona uma construção de identidade que se fortalece e está intrinsecamente atrelada ao nome.

Outro aspecto importante diz respeito à *relação entre o item lexical*, ou seja, o nome próprio, e os *processos de comunicação e linguagem*. Essa conexão é fundamental, pois possibilita que as pessoas estabeleçam diálogos, construam relações sociais e realizem ações específicas, como ordenar, evocar ou identificar indivíduos.

Além disso, o ato denominativo também pode refletir um *significado cultural, religioso, histórico e social* da família ou comunidade do indivíduo que denomina ou é denominado, pois a escolha de um nome pode atribuir características ou atributos ao indivíduo, como em nomes que indicam a origem étnica, o caráter ou a profissão do nomeado (Amaral, 2011).

Acerca dos sistemas antroponímicos, Soledade (2024, p. 172) explica que, na Península Ibérica medieval, o sistema onomástico romano entrava em desuso. Este sistema utilizava a ligação direta com a estrutura familiar no contexto da ordem social da Roma Antiga, de modo que foi substituído por um modelo no qual, em um primeiro momento, a designação acontecia através de um nome único, o prenome, depois, estabelecendo-se como um sistema de dois nomes, com a conjugação do prenome e sobrenome, sendo este último, em sua maioria, de natureza referencialista, ligados à origem geográfica, profissional, à característica física ou comportamental, destacando-se os sobrenomes de origem patronímica, os quais estraram em desuso no sistema onomástico do português brasileiro. Como exemplo, Soledade (2024, p. 172, grifo do original) cita “Gonçalves (*filho de Gonçalo*), Mendez (*filho de Mendo/Menedo*), Álvarez (*filho de Álvaro*), Fernandez (*filho de Fernando*), Rodrigues (*filho de Rodrigo*), dentre outros”.

O sistema antroponímico tornou-se mais composto com a consolidação da frase antroponímica, ou seja, a constituição de um nome completo, com prenome, segundo nome (opcional) e nome da família, que por muito tempo ressaltou apenas a centralidade patriarcal, uma vez que o nome materno não era considerado como referência de filiação. Embora o sistema brasileiro tenha herdado, por meio da colonização, o modelo português, incluindo prenomes e formas de organização do nome completo, há espaço para inovação.

Diante do exposto, observamos que, embora a denominação de pessoas seja um processo objetivo e indispensável ao funcionamento da sociedade, ainda persiste

um amplo debate acerca da natureza do nosso objeto de estudo: os nomes próprios, sobre a qual discutiremos a seguir.

2.2 A natureza do nome

Ao refletir sobre a natureza do nome, Pinker (2008) reforçou que o nome próprio não pode ser reduzido a um marcador vazio de referência, mas deve ser compreendido como construção cognitiva e social que articula linguagem, mundo e comunidade. Segundo ele, a atribuição de um nome a algo, algum lugar ou alguém configura um movimento no qual o nome, enquanto item linguístico, refere-se a um sujeito específico e reflete uma série de fatores sociais.

Nesse processo, os agentes que denominam podem ser os mais diversos, no caso dos nomes de pessoas, podem ser pais, padrinhos, familiares, comunidades e até o Estado. Para além de pessoas, costuma-se nomear também lugares, instituições, entidades religiosas, santos, anjos, rios, assentamentos, coisas as quais pretendemos integrar ao nosso meio através de um gesto simbólico e cultural, que pode ser ilustrado, por exemplo, através das práticas denominativas dos Yanomami (Soledade, 2024).

Essa comunidade atribui um nome único às crianças e os torna públicos como referenciadores (os familiares dessas crianças são evocados através de tecônimos: *pai da criança X*, *irmã da criança Y*). Após a puberdade ou maternidade, os nomes dessas crianças são ocultados, o uso de seu nome na fase adulta configura-se como o mesmo que desejar a morte da pessoa. Essa prática implica em aspectos culturais, pois as pessoas de uma comunidade têm a obrigação de dar um nome exclusivo a uma criança, utilizá-lo até certa idade e depois o manter em segredo, como demonstração de respeito (Soledade, 2024, p. 25).

Ao restringirem o uso e a enunciação dos nomes próprios, os Yanomami evidenciam que nomear é um gesto atravessado por valores sociais, espirituais e afetivos. Assim a natureza do nome se revela não apenas como uma forma de identificação linguística, mas como signo que traduz modos de relação, de pertencimento e de visão de mundo.

Pensando essa natureza do nome, filósofos, logicistas e estudiosos da linguagem têm debatido sobre a distinção entre nomes próprios e nomes comuns, apontando para a dúvida central: seriam os nomes próprios apenas referenciadores (de pessoas, lugares e de coisas) ou também portam significado(s)? Se o(s) têm, que tipo(s) de significado possuiriam? Essa problemática norteia debates em torno da

natureza semântica dos nomes próprios (Soledade, 2024).

Esse debate delinea duas linhas de divergência: (1) se os nomes próprios são ou não desprovidos de significado; e (2) se devem ser compreendidos como intrinsecamente associados a descrições ou como designadores rígidos independentes de predicados (Amaral; Seide, 2020. Soledade, 2024).

Nas últimas décadas, esse debate tem recebido contribuições de correntes cognitivas, que entendem a linguagem como parte da cognição humana geral, integrada à experiência, à cultura e ao contexto. Assim, os nomes próprios não se limitam a denotar, mas ativam redes enciclopédicas de sentido, evocando conhecimentos culturais, históricos e contextuais.

A abordagem cognitivista, vinculada ao cognitivismo clássico da filosofia e da psicologia, concebe a mente como um sistema de processamento simbólico de representações. Nessa perspectiva, os nomes próprios operam como entradas em um sistema mental de símbolos, funcionando como rótulos que mapeiam indivíduos específicos no mundo.

Nessa noção, a questão do significado de antropônimos pode ser abordada a partir de quatro camadas distintas e complementares. Acerca disso, Colling (2022, p. 17) aponta a *significação etimológica dos nomes*, considerando o nome enquanto item lexical, que tem o seu significado baseado no étimo; assim como considera a *motivação para atribuição do nome*, no qual o significado é simbólico, afetivo ou cultural e foca no aspecto psicossocial que constitui a razão de escolha de um nome.

Além disso, Soledade (2024, p. 74) acrescenta o terceiro e quarto níveis, que são o significado enciclopédico, onde o significado depende da experiência individual e coletiva, a partir da qual o nome ativa memórias; e o significado no contexto de uso, onde o significado se forma pelo uso social, não por origem, nem intenção individual, nesse caso o nome carrega marcas culturais e identitárias.

Em resumo, a natureza do nome revela-se como um fenômeno multifacetado que articula dimensões sociais, culturais, linguísticas e cognitivas. Nomear não é apenas identificar um indivíduo, mas integrá-lo a uma comunidade por meio de práticas denominativas carregadas de valores, motivações e expectativas.

Do ponto de vista linguístico, o nome próprio suscita debates sobre sua condição de mero designador ou de signo dotado de significados etimológicos, enciclopédicos, contextuais e afetivos, enquanto abordagens cognitivas mostram que os nomes ativam redes de conhecimento, memórias e categorias mentais. Assim, o

nome emerge não apenas como marcador de referência, mas como símbolo identitário que condensa experiências, pertencimentos e visões de mundo.

Entre essas múltiplas facetas da nomeação, destaca-se de forma central a dimensão religiosa, na qual o ato de nomear se entrelaça a crenças, devoções e sistemas simbólicos que moldam profundamente as práticas denominativas. Essa dimensão mítico-religiosa será melhor explorada na subseção a seguir.

2.3 A dimensão mítico-religiosa dos nomes

Conforme postulou Biderman (1998), ao tratar das dimensões da palavra, em muitas religiões, como o cristianismo, os nomes possuem uma dimensão mítico-religiosa, sendo capaz, por exemplo, de “ordenar o caos primitivo, transformando-o num cosmo significativo” (Biderman, 1998, p. 1). Nessa noção, que não é recente, conforme Biderman (1998, p. 1), “o homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário, existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa”.

Numa realidade contemporânea, comunidades cristãs podem denominar com objetivos de homenagear um referente, santo ou figura cristã. Nesse contexto, o nome pode funcionar como uma espécie de amuleto, o que nos possibilita observar o fenômeno de *esvaziamento semântico*, explicado por Carvalhinhos (2005, p.75), como um processo inerente à linguagem que se manifesta quando o significado original de uma palavra se perde ou enfraquece ao longo do tempo. Inclusive, essa dinâmica entre denominador e o denominado, pode expressar relações de poder, como em contextos coloniais. É comum colonizadores atribuírem novos nomes a povos nativos e a lugares conquistados para expressar posse e soberania.

Ainda sobre as dimensões da palavra, Biderman (1998, p. 2) lista exemplos que ilustram práticas denominativas que compartilham o mesmo fenômeno: a necessidade de ocultar nomes, tendo o medo como motivação. Esse temor manifesta-se entre os aborígenes australianos, que receiam o uso do nome em rituais de magia negra; entre indígenas chilenos, que temem que espíritos malignos descubram seus nomes e lhes causem algum mal; e entre povos ancestrais do Canadá, da Nova Guiné e da África do Sul, que compartilham a mesma crença quanto ao poder que o conhecimento do nome pode conferir os espíritos. Já na tradição judaico-cristã, o nome de Deus é sagrado e impronunciável, acerca do qual há a seguinte ordenança no terceiro mandamento: “não tomarás o nome do senhor teu Deus em vão” (Êxodo 20:7).

Segundo Biderman (1998), toda palavra carrega uma dimensão simbólica

profunda, enraizada em formas de pensamento nas quais linguagem, magia e religião eram indissociáveis. Em muitas culturas tradicionais, o nome não funciona como um simples rótulo, mas como uma força dotada de agência simbólica, capaz de proteger, amaldiçoar, curar, consagrar ou aproximar o indivíduo de entidades sobrenaturais. No contexto do catolicismo popular, essa dimensão manifesta-se em práticas como promessas, votos, agradecimentos e homenagens religiosas, nas quais a escolha do nome se articula à busca de bênçãos, intercessão e proteção espiritual.

Essa concepção é particularmente relevante para esta dissertação, pois ilumina a compreensão das práticas de nomeação observadas no sertão alagoano, especialmente no que se refere aos nomes *Sizino* e *Tereza/Teresinha*. A partir da noção de dimensão mítico-religiosa, é possível interpretar esses antropônimos não apenas como identificadores linguísticos, mas como signos espirituais e culturais que materializam devoções, narrativas de fé e vínculos simbólicos herdados do catolicismo popular. Assim, a teoria de Biderman (1998) oferece um fundamento sólido para analisar como a escolha de determinados nomes expressa motivações religiosas, modos de pertencimento e formas de viver a fé que marcam profundamente as tradições denominativas da região estudada.

Compreendida a dimensão mítico-religiosa que permeia o ato de nomear, torna-se possível avançar para um aspecto central deste estudo: as motivações que orientam a escolha dos nomes. Afinal, se a nomeação é atravessada por fatores culturais, espirituais e identitários, ela também se estrutura a partir de diferentes tipos de motivação denominativa, que ajudam a explicar por que determinados nomes são atribuídos em determinados contextos.

2.4 Motivações denominativas

As principais motivações denominativas podem ser sintetizadas, conforme Seide (2013, p. 3), da seguinte forma: a) religiosas; b) políticas; c) familiares ou de amizade; d) diversas, como “estética fônica ou gráfica”, homenagem a personagens ilustres ou históricos, nomes que rimam ou vinculados às artes (romances e filmes).

Os participantes, nascidos entre 1974 e 1995 e provenientes de diversos municípios revelaram motivações classificadas nas seguintes categorias: 1. religiosa; 2. homenagem a familiares; 3. homenagem a amigos, padrinhos ou conhecidos; 4. homenagem a políticos; 5. sonoridade; 6. grafia; 7. rima com nomes da família; 8.

influência da mídia (livros, filmes, novelas, revistas, músicas, cantores).

Foram propostas 12 motivações não previstas por Guérios (1981): casualidade, unicidade ou busca por originalidade, nomes inspirados em marcas ou empresas e crenças individuais. Esses dados evidenciam a complexidade e pluralidade dos critérios de nomeação na contemporaneidade, refletindo como surgem ou se sustentam com base na comunidade avaliada, bem como revelam novas tendências.

Situando historicamente, as categorias motivacionais têm sido discutidas desde os primeiros estudos sistemáticos de antroponímia. A proposta de classificação remonta a trabalhos como o de Van Langendonck (2007), que já distinguiam motivações religiosas, afetivas e descritivas. No contexto brasileiro, Dick (1990) e Guérios (1981) também propuseram taxonomias semelhantes, adaptando-as à realidade cultural e linguística nacional. Essas classificações, embora variem em terminologia, partem do mesmo princípio de que os nomes próprios refletem valores simbólicos e socioculturais.

No que se refere ao contexto específico de nosso trabalho, as categorias motivacionais propostas mostram-se pertinentes em linhas gerais; mas por se tratar de um *corpus* linguístico difundido em meio religioso, podemos destacar a predominância das motivações religiosas, o que sugere que outras categorias, como as de ordem devocional e simbólica, poderiam constituir um modelo classificatório.

Apresentamos abaixo as categorias que propomos: *prática devocional*, que corresponde à atribuição de nomes motivada pela fé e pela devoção direta a uma figura sagrada, santos, santas, Cristo, Maria, entre outros. Trata-se de uma forma de nomear que expressa a espiritualidade e a identificação do nomeador com o sagrado, como ocorre em nomes amplamente difundidos na cultura católica, a exemplo de Tereza, Francisco, Maria das Dores ou José.

Em segundo, a prática de promessa, na qual o ato de nomear ocorre como cumprimento de um voto feito a uma entidade espiritual. Nesses casos, o nome é concebido como forma de gratidão ou pagamento simbólico ou confirmação da graça recebida, por exemplo, ao nomear uma criança de Teresinha do Menino Jesus após o cumprimento de uma promessa pela saúde do filho. Esse tipo de motivação é, portanto, performativa, pois o nome atua como marca de um pacto entre o humano e o divino.

Em terceiro, a prática de homenagem religiosa, em que o nome é dado em reverência a uma figura religiosa admirada, seja um santo, um líder espiritual, ou alguém da comunidade de fé. Essa motivação combina aspectos religiosos e afetivos,

manifestando reconhecimento e continuidade simbólica. Nomes como João Paulo, em homenagem ao Papa João Paulo II, exemplificam essa categoria.

Em quarto, a prática simbólica ou mística constitui outra categoria relevante. Nesse caso, o nome é escolhido em função de seu valor espiritual ou moral, representando virtudes, dons e ideais cristãos, como fé, graça, luz ou esperança. Assim, nomes como Graça, Esperança e Salvador expressam valores teológicos e éticos internalizados pela comunidade de fé.

A quinta categoria, o nome revelado, corresponde àqueles atribuídos em razão de revelações, sonhos, visões ou inspirações consideradas divinas. É comum que os agentes que o denominam relatem que o nome “foi revelado” por Deus, por um santo ou durante uma experiência espiritual, como em casos em que “Deus mandou que fosse Tereza”. Essa motivação, portanto, insere-se na dimensão sobrenatural e mística da denominação.

Outra forma de motivação religiosa é o nome de evento religioso ou calendário litúrgico, relacionado à data ou festa religiosa no momento do nascimento. Assim, o nome pode fazer referência ao santo do dia, a uma comemoração litúrgica ou a um tempo sagrado específico. São exemplos os nomes Conceição para nascidos em 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição, Natalina, associado ao Natal, e Ramos, associado ao Domingo de Ramos.

Por fim, há os nomes compostos de invocação mariana, categoria que agrupa as denominações inspiradas nos diversos títulos atribuídos à Virgem Maria, muitas vezes com especificações simbólicas ou geográficas, como Maria Aparecida, Maria das Graças e Maria de Fátima. Essa prática evidencia o papel central da devoção mariana na cultura católica e sua forte influência nas escolhas denominativas no Brasil e no mundo (Carvalhinhos, 2005).

De modo geral, essas categorias aprofundam o eixo religioso da classificação proposta por Guérios (1981) e (Seide 2013), ao especificar dimensões particulares do fenômeno denominativo no contexto católico popular, apresentando o signo como simbólico, devocional e performativo, tradutor crenças, votos e valores enraizados na experiência religiosa e cultural dos nomeadores.

Considerando as categorias apresentadas por Guérios (1981) e por Seide (2013), segue abaixo um quadro com fatores motivacionais de processos denominativos, categorizados como motivações de esfera privada e pública. Entendo a esfera pública como a que diz respeito ao coletivo, ao que é de interesse comum e

acessível a todos. Já a esfera privada refere-se ao individual e restrito, envolvendo vida pessoal, familiar, preferências estéticas e assuntos íntimos.

Quadro 1 – Fatores motivacionais de processos denominativos

ESFERA	FATORES MOTIVACIONAIS
Privada	a) Identidade pessoal e estética
	b) Pertencimento e identidade familiar
	c) Vínculo emocional, homenagem e tradição
Pública	a) Normas e repertório social
	b) Identidade coletiva
	c) Influência midiática
	d) Política, ideologia e movimentos sociais

Fonte: Elaborado pela autora (2025), baseado em Seide (2013).

Compreendemos que os principais fatores motivacionais para atos denominativos da esfera privada são a *Identidade pessoal e estética*. Nesses casos, buscam-se nomes que refletem sua identidade, valores e experiências. Meu pai, por exemplo, colocou todos os nomes de seus 11 filhos começando com a letra R, já que seu próprio nome começa com R, a saber, Roque.

Já em minha família materna, meus avós denominaram todos os seus filhos com nomes compostos, usando as letras C e G, como Cleilda Geany, Carmem Gardésia, Camargo Gaisel, Cleilza Gênica, Cláudia Gradélia, Clênio Gênio, Carlisson Gutierrez, Cleizilda Gardélia, Cleto Gardélio e Carlos Gardel. Dessa forma, ao tentar criar um efeito estético, meus avós e meu pai acabaram criando também um repertório familiar que é duplicado pelos descendentes atualmente, o que também expressa que os fatores motivacionais não são exclusivos, mas podem se combinar.

Em *b) Pertencimento e repertório familiar*: vemos que os nomes podem ser uma forma de se identificar com um grupo social ou cultural, promovendo um senso de pertencimento, como aconteceu nos dois grupos familiares citados anteriormente, cujas marcas eram uso de mesma inicial e nomes compostos; *c) Vínculos emocionais, homenagem e tradição*: em contextos familiares ou pessoais, a escolha de nomes pode carregar significados emocionais profundos, como homenagens (sobrenomes como Filho, Neto ou Sobrinho) e tradições, como ser cristão e escolher nomes bíblicos para os filhos.

No que se refere à esfera pública, destacam-se: a) *Normas e repertório social*: instituições e sociedades têm padrões que influenciam como pessoas e grupos são denominados. Tais normas podem ser baseadas em fatores etnoculturais e/ou sociopolíticos que criam repertórios característicos. Já o aspecto b) *Identidade coletiva*, expressa marcadores acolhidos pela própria comunidade, como preferências estéticas, sonoras ou tendências de uma época, como, por exemplo, a substituição de letras, como trocar I por Y, repetições como NN ou LL e sílabas mudas, como TH e PH.

Quanto à c) *Influência midiática*, assinalamos que a forma como a mídia rotula eventos, pessoas ou tendências tende a moldar a percepção coletiva e influenciar comportamentos e opiniões, criando padrões de denominação (Seide, 2013). E por último d) *Política, ideologia e movimentos sociais*, atribuir rótulos denominativos pode ser uma estratégia política para (des)legitimação e promoção de ideologias específicas, utilizando nomes que evocam emoções eufóricas ou disfóricas. Um exemplo disso é o apelo político realizado durante a campanha política de 2018 com o segundo nome de Jair Messias Bolsonaro, pela associação de que, como Messias, ele seria o salvador do Brasil. Também o uso de nomes sociais por pessoas trans é uma questão denominativa atrelada às causas LGBTQIA+.

Assim, compreender fatores motivacionais possibilitam apresentar diferentes contextos e como eles são moldados por dinâmicas psicossociais. A nomeação de pessoas no Brasil constitui uma prática imbricada em aspectos culturais, religiosos, históricos e sociais, de modo que o ato de nomear não se reduz à simples atribuição de uma designação individual, mas carrega consigo significações simbólicas que refletem o modo como diferentes comunidades constroem e comunicam suas identidades.

A pergunta inicial, sobre como os nomes próprios se relacionam a fatores etnoculturais e quais são as principais motivações denominativas no Brasil, foi respondida por meio da análise de sistemas antroponímicos diversos e das práticas de nomeação em contextos históricos e contemporâneos. A literatura revisada, especialmente Soledade (2024), Biderman (1998) e Santos (2015), possibilitou uma compreensão do fenômeno denominativo, evidenciando tanto os mecanismos tradicionais, como o batismo católico e as promessas religiosas, quanto os elementos contemporâneos, como a influência midiática, a busca por originalidade e os critérios estéticos.

A busca por uma caracterização de fatores motivacionais do ato denominativo, tomado em suas esferas pública e privada, contribui para uma análise sistemática das escolhas denominativas. Portanto, a prática de nomear, como um processo dinâmico, histórico e culturalmente situado, apresenta motivações que variam conforme o tempo, o espaço e os valores de uma dada comunidade.

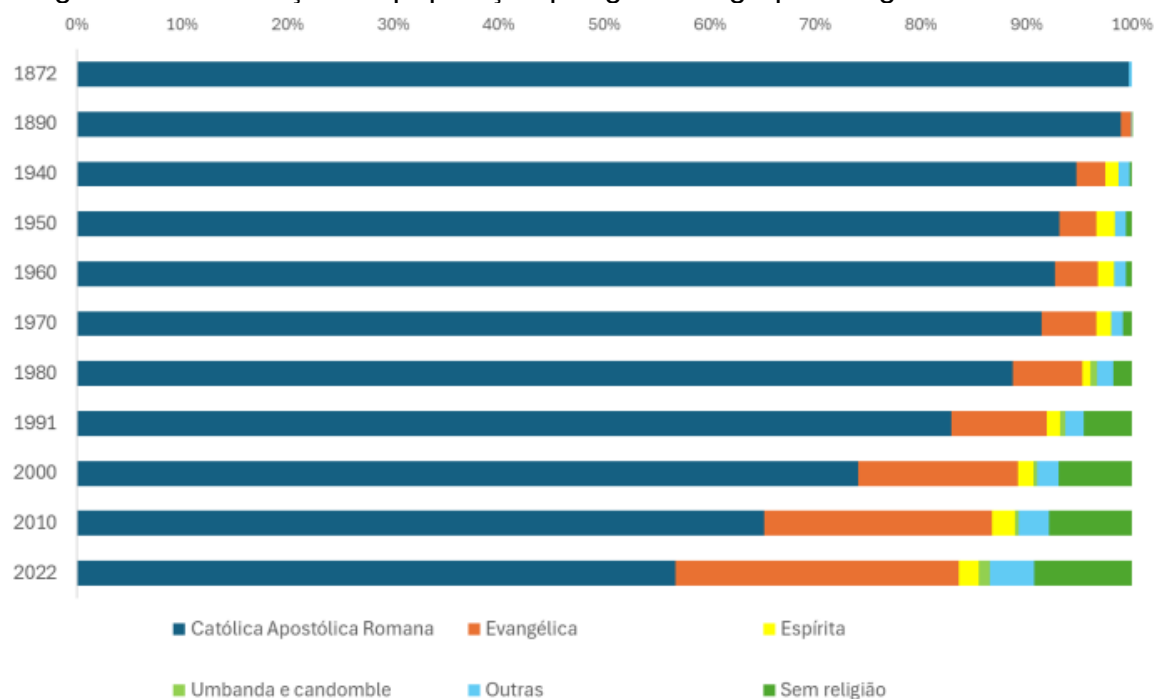
A permanência de nomes religiosos, em específico, mesmo diante de contextos de secularização e diversidade cultural, demonstra o quanto a tradição cristã/católica ainda exerce influência significativa sobre tais escolhas, ainda que ressignificada. O entendimento de como nomes de natureza religiosa se configuram é matéria da subseção seguinte.

3 RELIGIÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Nessa seção, vemos com base nos dados do IBGE (2022), que o Brasil dispõe de uma variedade de religiões, as quais são objeto de interesse das pesquisas censitárias. A partir desses dados, buscamos relacionar as práticas denominativas às práticas de devoção católica, como promessa religiosa, homenagem e batismo com base em calendário litúrgico.

De forma inicial, segundo a linha do tempo disponibilizada pelo próprio IBGE (2025), o levantamento censitário da declaração de religião no Brasil é de responsabilidade do IBGE a partir dos censos de 1940 e 1950. Os resultados desse conjunto de operações censitárias podem ser usados para apresentar, de forma geral, alguns traços da transformação do cenário religioso no Brasil. Abaixo, podemos analisar um gráfico que expressa a distribuição por grandes grupos religiosos, através de pesquisas datadas desde 1872, quando as pesquisas eram responsabilidade de outras instituições, conforme explica o IBGE (2025) em uma apresentação institucional disponível na página oficial do instituto na internet.

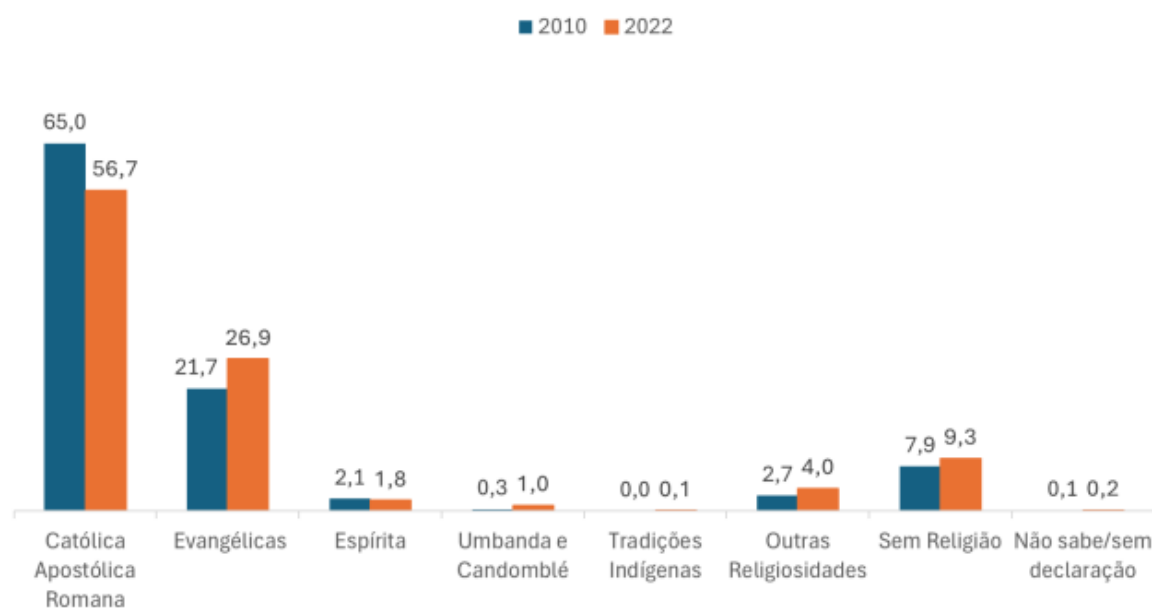
Imagem 1 - Distribuição da população por grandes grupos religiosos de 1872-2022



Fonte: IBGE (2022).

Acerca de como as pesquisas foram conduzidas, o IBGE (2022) explica que no Censo de 2022, o quesito “Qual é sua religião ou culto?” foi aplicado a toda a população de 10 anos ou mais recenseada através do questionário da amostra. Nas terras indígenas e nos setores de agrupamentos indígenas, a redação foi alterada para “Qual a sua crença, ritual indígena ou religião?” de forma automatizada. No conjunto de tabelas divulgadas no Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA, disponibilizado no portal do IBGE na Internet, os dados da religião declarada estão organizados por grandes grupos de religião, sem identificação de subgrupos ou de denominações específicas. Abaixo podemos observar uma tabela que compara especificamente os dados do censo de 2010 com o de 2022.

Imagem 2 – Distribuição da população de 10 anos ou mais de idade por grandes grupos de religião no Brasil 2010/2022

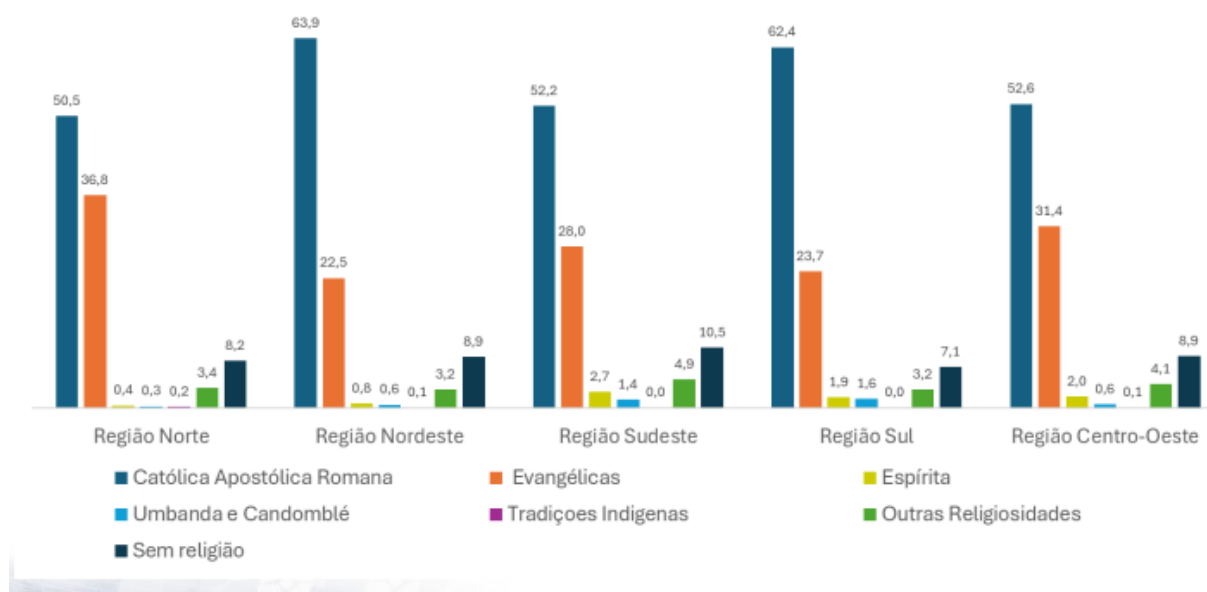


Fonte: IBGE (2022).

Ao analisar os dados, observamos que há uma redução de 8,3 pontos percentuais dos Católicos, que saem de 65,0% em 2010, para atuais 56,7%. No que se refere ao grupo evangélico, vemos um aumento de 5,2 pontos percentuais, passando de 21,7% em 2010 para 26,9% em 2022. Também vemos um declínio na religião Espírita de 0,3 pontos percentuais e um aumento nas proporções das religiões Umbanda e Candomblé, que saíram de 0,3 % em 2010, para 1,0%, em 2022, um aumento de 0,7 pontos percentuais. E por fim, um aumento de 1,3% entre 2010 e 2022 dos que se declararam sem religião. Podemos, ainda, observar como acontece a

distribuição dos grupos religiosos nas grandes regiões do Brasil. Analisemos o gráfico abaixo.

Imagem 3 – Distribuição da população por grandes grupos de religião, segundo as Grandes Regiões do Brasil

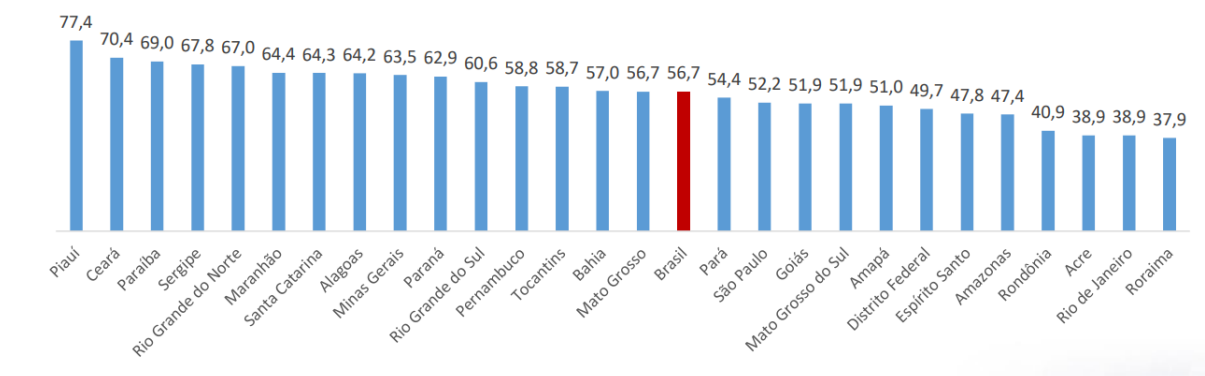


Fonte: IBGE (2022).

Na distribuição por grandes grupos de religião, o catolicismo é maioria em todas as Grandes Regiões do país, tendo sua maior concentração no Nordeste com 63,9%, seguido da Região Sul com 62,4%. Já os evangélicos têm uma maior presença no Norte, com 36,8% e no Centro-Oeste, com 31,4%. A concentração dos que se declararam espíritas está na Região Sudeste, com 2,7%. No que tange aos umbandistas e candomblecistas, estes concentram-se mais na Região Sul, com 1,6%, e Sudeste, com 1,4%. Por fim, os que se declararam sem religião estão mais presentes na Região Sudeste, com 10,5 %.

No que se refere a proporção da população de 10 anos ou mais de idade de religião declarada católica apostólica romana, por Unidade da Federação, os dados de 2022 do IBGE revelam que Alagoas está em 8º lugar, com 64,2% da população autodeclarada católica apostólica romana.

Imagem 4 – Distribuição de pessoas autodeclaradas católicas apostólicas romanas por unidade federativa no Brasil.



Fonte: IBGE (2022).

Argumentamos, então, com base nos dados, que o Nordeste Brasileiro, com foco especial em Alagoas, é predominantemente católico. As comemorações das festas das padroeiras, os pontos turísticos religiosos e a construção recente de igrejas e santuários no sertão alagoano, como mencionamos anteriormente, reforçam a noção de que a religião está intrinsecamente ligada à expressão da identidade sertaneja.

Nesse sentido, é necessário enfatizar que as raízes das práticas denominativas brasileiras estão relacionadas com o ato de batismo católico, um marco para a trajetória religiosa (Santos, 2015, p. 58) e para o reconhecimento social e legal do processo denominativo, que remonta à história da colonização brasileira. Sem o batismo católico não é possível fazer uma cerimônia matrimonial religiosa ou participar da Eucaristia.

Assim, a motivação religiosa constitui uma das principais categorias denominativas, ao lado de fatores familiares, políticos e estéticos (Soledade, 2024). Seide (2013) complementa ao afirmar que em contextos historicamente marcados pela religiosidade institucional ou popular, como no Brasil, nomes religiosos tornam-se veículos de devoção, pedidos ou promessas, carregando consigo forte carga simbólica.

Nesse panorama, há uma correspondência entre um evento místico-religioso e o processo onomástico, o que, por consequência, cria um repertório lexical de antropônimos relacionados com práticas de fé católica. São exemplos disso nomes como Maria de Lourdes, Pedro Antônio, Maria das Virgens, que podem se dar por motivação de homenagem, por costume ou preferência de repertório religioso.

Como já registrado na literatura, destacamos que, por exemplo, a busca por certa proteção aos descendentes guia a escolha de um nome relacionado a algum santo. Neste estudo documental sobre a antroponímia sergipana da freguesia de São

Cristóvão em todos os períodos da História do país – do período colonial, imperial e republicano, assinala-se a onipresente influência da Igreja Católica na denominação de sergipanos, visto que, “unida ao Estado, [a Igreja] regia praticamente todos os atos da vida pública e aos cidadãos, sugeria e impunha escolhas, bem como lhes ditava modos de comportamento, incluindo a prática de nomear pessoas” (Santos, 2015, p. 18).

Nos processos de colonização portuguesa, a Igreja Católica foi a instituição central na regulação da vida social. O batismo cristão não só oficializou a entrada de um indivíduo na fé católica, mas também conferia o nome: era quando a criança recebia oficialmente seu nome, geralmente de santos católicos. Assim, entre os séculos XVI e XVIII, o batismo de motivação católica era prática central no processo onomástico brasileiro e integralização à uma nova vida e religião (Santos, 2015; Semeão, 2020).

Entre os séculos XIX e XX, identificam-se tanto a persistência quanto a adaptação desse modelo onomástico. A prática de usar nomes religiosos continuou forte, especialmente nas regiões mais ligadas à religiosidade popular, como o sertão alagoano. A devoção a padroeiros locais e santos populares influenciava a escolha dos nomes, como Maria da Conceição, João de Deus, Lourdes, Fátima e Aparecida.

Essa escolha geralmente se dá conforme o calendário litúrgico: se a criança nasce no dia de um santo, recebe seu nome. Por exemplo, os nascidos em 13 de junho ganham o antropônimo *Antônio*; nascidos em 12 de outubro, de *Aparecida*. A crença de que o nome do santo protege e abençoa a criança, portanto, faz com que o nome tenha função identitária, mas também protetiva e mística. Nomes como Maria, José, Ana, João Batista, Francisco, dentre outros, estão associados a virtudes, modelos de conduta e intercessão divina; e escolher nomes compostos com *Maria* e *José* possibilita invocar a proteção da Sagrada Família (Frai, 2021).

Muitas vezes, o nome é escolhido após a prática de promessa religiosa, que se configura como uma forma de devoção em que um indivíduo estabelece um compromisso simbólico com uma entidade sagrada, geralmente um santo ou figura religiosa, assumindo a obrigação de realizar uma ação ou oferenda em troca da concessão de uma graça, milagre ou proteção desejada. Trata-se de um pacto entre o fiel e o sagrado, no qual a pessoa promete algo, como dar um nome, realizar uma peregrinação ou fazer uma doação, caso obtenha o benefício pedido.

A prática da promessa se manifesta frequentemente na escolha do nome próprio como forma de pagamento simbólico da graça recebida. Assim, a nomeação torna-se um ato ritualístico, carregado de fé e significado espiritual. Em diversos

contextos do catolicismo popular, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, o nome próprio é escolhido como parte de uma promessa ou agradecimento por uma graça alcançada. São comuns os relatos de pais que, ao vivenciarem situações de risco durante a gestação ou parto, prometem nomear o filho com o nome de um santo caso a criança sobreviva. Apesar de essa prática ser conhecida socialmente, ainda há uma lacuna na literatura no que se refere às práticas onomásticas atreladas à promessa religiosa.

Por exemplo, o nome composto *Francisco das Chagas*, referencia São Francisco de Assis, um dos padroeiros do sertão nordestino; ou ainda *Cícero Romão*, em referência ao beato Padre Cícero, oriundo de Juazeiro do Norte-CE. Nesses casos, o nome não apenas recorda uma história individual, mas também materializa um pacto devocional, funcionando como memória viva da fé e da intercessão divina.

Há ressignificações e permanências dessa influência religiosa na denominação contemporânea, em sua estrutura e utilização. Os nomes de santos continuam entre os mais comuns em listas da atualidade. Nomes como Rafael, Gabriel, Miguel, Pedro, Lucas e Maria são escolhidos por influência da tradição religiosa, ainda que nem sempre por convicção mágica, fazem parte da tradição bíblica, como considera Frai (2021, p. 4).

Acerca da ligação entre processo denominativo e fé, os dados do Censo Demográfico de 2022, sistematizados na plataforma oficial *Nomes no Brasil*, do IBGE, reforçam a alta frequência de nomes que podemos relacionar com a tradição católica na onomástica brasileira. Entre os nomes mais frequentes no país estão Maria, com mais de 12.284.478 de registros, José, João, Francisco, Antônio e Aparecida, Ana, todos fortemente associados à devoção católica e ao repertório de santos.

A presença desses nomes indica que, mesmo diante da diversidade crescente e da presença de nomes estrangeiros ou inventivos, os nomes religiosos continuam sendo pilares do sistema onomástico nacional. Isso confirma a persistência de motivações culturais e espirituais que, ao longo dos séculos, têm moldado a forma como as pessoas são nomeadas no Brasil. Observa-se, portanto, tanto a permanência de nomes de santos no repertório onomástico popular, mesmo diante da pluralidade religiosa, possibilitada por novas formas de expressão individual, na qual o nome religioso pode ser escolhido por critérios estéticos, afetivos, estéticos, familiares ou tendências, e não apenas por devoção direta.

A força simbólica atrelada a nomes de dimensão místico-religiosa não apenas está atrelada a fatores transcendentais, portanto, mas, vinculados a transformações sociais, continua a operar como marcador de fé, de tradição e de identidade coletiva. Como observa Biderman (2001), nessa dimensão, os nomes funcionam como dispositivos simbólicos que ultrapassam a identificação individual e passam a exercer funções apotrópicas, ou seja, de proteção contra o mal. Nesse sentido, a escolha de um nome como *Maria das Dores* ou *João Batista* pode revelar tanto devoção particular quanto a crença de que o nome carrega consigo uma espécie de força espiritual.

Nessa complexa teia de motivações sócio-históricas e simbólicas, nomes da dimensão místico-religiosa, como onomásticos de santos, de figuras bíblicas e de devoção popular, como marcos de identidade e de pertencimento, não são apenas palavras, mas também elementos de fé, memória e cultura ao sintetizar uma herança simbólica que atravessa gerações e que, ao ser proferida, carrega a força de um passado compartilhado e de um futuro desejado.

Essa dimensão é comum a culturas e religiões diversas, sendo perceptível no cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, religiões afro-brasileiras e outros sistemas de crença. No cristianismo, sobretudo o catolicismo e o protestantismo histórico, a tradição bíblica e hagiográfica é uma fonte abundante de nomes. Maria, José, João, Pedro, Paulo e Lucas são recorrentes devido à forte presença no Novo Testamento (Colling, 2022).

No islamismo, a referência ao profeta Maomé através do nome Muhammad é central. Trata-se do nome mais comum no mundo islâmico, adotado como forma de reverência e bênção. Outros nomes populares incluem Ali, Aisha, Fatimah e Hassan, todos relacionados à família do Profeta e à tradição sunita ou xiita. Já o judaísmo conserva nomes de origem da história e cultura hebraica, como Moisés, Davi, Salomão, Raquel e Isaac (Taibi-Maghraoui, 2021, P.12).

No hinduísmo, os nomes costumam remeter ao panteão de deuses e deusas, como Krishna, Shiva, Lakshmi e Ganesha. Muitos nomes são dados por astrólogos no momento do nascimento, com base em mapas astrais e numerologia espiritual, práticas culturais realizadas em momentos importantes da vida. Já em contextos budistas, os nomes são escolhidos com base em virtudes ou ensinamentos atribuídos a Buda. Exemplos incluem Dhamma, que se refere à lei moral, Siddhartha, nome do Buda histórico, Metta, compaixão, entre outros.

Pensando a realidade brasileira, religiões como candomblé e umbanda influenciam a onomástica, sobretudo no uso ritual ou espiritual de nomes. Exemplos incluem Ogum, Oxum, Iansã e Xangô. Embora nem sempre se manifestem em nomes civis, essas designações espirituais estruturam a identidade do sujeito nas comunidades religiosas afro-brasileiras, e podem ser evocados como nomes de batismo dentro de uma comunidade religiosa ou de prática cultural, como em grupos de capoeira, nos quais os participantes recebem um segundo nome.

Com base em Hoornaert *et al.* (1977), a formação da sociedade brasileira está entrelaçada à matriz católica, herdada da colonização portuguesa, visto que missionários jesuítas, capuchinhos e franciscanos atuaram intensamente na catequese de povos indígenas e africanos. A colonização portuguesa trouxe a língua e os códigos jurídicos, bem como uma matriz religiosa profundamente católica, que passou a orientar diversas dimensões da vida social nacional, inclusive o *modus nominandi*, promovendo o batismo como ritual de conversão e inserção na fé cristã.

No batismo, muitos nomes eram impostos ou sugeridos por padres, especialmente aqueles ligados aos santos do dia do nascimento ou do batismo da criança. Essa prática conferia uma espécie de proteção espiritual ao recém-nascido.

Além disso, a devoção à Virgem Maria é uma das mais marcantes expressões do catolicismo no Brasil. Tal devoção se manifesta nos nomes compostos, como Maria das Dores, Maria da Penha, Maria da Conceição, Maria Aparecida, entre outros (Carvalhinhos, 2005).

Em relação a elementos morfossintáticos dos nomes próprios, a *composição onomástica*, como em Maria das Graças ou João de Deus, onde nomes são combinados com expressões devocionais, foi explorada por Frai (2021), mas é inviável em nossa pesquisa, pois a plataforma nomes no Brasil (2010) só permite a procura de um nome por vez.

O aspecto morfossintático também se manifesta na *redução e apelidamento*, como Terezinha (de Tereza), Chico (de Francisco) ou Zé (de José), formas afetivas bastante comuns. No caso de *Terezinha*, nome que faz parte do nosso *corpus*, chamamos atenção especial para o acréscimo do sufixo *inha*, em razão da afetividade, o que também pode gerar um prenome inovador quando Terezinha deixa de ser apelido e passa a ser o prenome oficial registrado, conforme explica Soledade (2024, p.426)

A *lexicalização devocional* ocorre quando elementos religiosos passam a funcionar autonomamente, como Aparecida, de Nossa Senhora Aparecida, ou Fátima,

de Nossa Senhora de Fátima; e na *hibridização*, quando se criam nomes novos a partir da fusão de nomes religiosos, como Luzimar (Luzia + Maria) ou Josiane (José + Ana).

Acerca do uso onomástico de Nossas Senhoras, ressaltamos que, em Portugal, a devoção a santos e a Nossas Senhoras já fazia parte da tradição onomástica portuguesa, e muitos nomes eram ligados ao calendário litúrgico católico. No Brasil os missionários católicos batizaram indígenas e africanos com nomes cristãos como forma de integração forçada à fé católica (Carvalhinhos, 2005).

Os nomes de santos foram amplamente difundidos nas missões, capelas e festas religiosas. No Nordeste o catolicismo popular nordestino se expressa com vigor na escolha de nomes devocionais de festas como o São João e Nossa Senhora da Conceição, de modo que comunidades devotas, irmandades e festas religiosas ajudam a manter viva a atribuição de nomes ligados a santos e à Virgem Maria.

De acordo com o projeto *Nomes no Brasil*, do IBGE (2022), nomes de pessoas de origem católica figuram entre os mais frequentes da população, como destacam os dados a seguir:

Quadro 2 – Nomes de pessoas atrelados a fé católica com maior ocorrência, considerando os dados do Brasil e do estado de Alagoas

NOME	OCORRÊNCIAS NO BRASIL	RANKING NACIONAL	OCORRÊNCIAS EM ALAGOAS	POSIÇÃO DE ALAGOAS ENTRE OUTROS ESTADOS
Maria	12.224.470	1º	331.863	5º
José	5.141.822	2º	223.323	1º
Ana	3.929.951	3º	56.928	18º
João	3.410.873	4º	54.689	13º
Antônio	2.231.019	5º	27.576	18º
Francisco	1.659.196	6º	8.895	17º
Pedro	1.613.671	7º	23.693	17º

Fonte: IBGE (2022).

Com base nos dados, vemos que os nomes católicos populares no Brasil, os que aparecem na primeira coluna, também estão presentes entre os nomes mais populares em Alagoas, especialmente Maria e José, que apresentam algumas similaridades, a exemplo de Maria, que está em primeiro lugar no Brasil e em 5º em Alagoas, e José, que também está em segundo lugar no ranking nacional e em 1º em Alagoas.

Os dados do Quadro 2 reforçam o argumento de que os nomes católicos exercem influência sobre a antroponímia brasileira, especialmente no Nordeste e, de forma mais específica, no estado de Alagoas. A prevalência de Maria, por exemplo, como nome mais comum do Brasil e 5º em Alagoas, revela a força do culto mariano na cultura religiosa do país. Da mesma forma, o nome José evoca o imaginário devocional popular, frequentemente associado à sagrada família, além de ser o que Frai (2021, p. 5) descreve como nome bíblico, atrelado à motivação “atribuição de nomes de personagens da bíblia, um nome do texto sagrado”.

Essa recorrência evidencia a continuidade de práticas onomásticas que funcionam como forma de transmissão de valores religiosos e identitários ao longo das gerações. No contexto nordestino, particularmente no sertão alagoano, essa tendência apresenta continuidade, refletindo a forte ligação da região com o catolicismo popular, o culto aos santos e as festas religiosas. Esses nomes não apenas aparecem em sua estrutura simples, mas frequentemente compõem estruturas onomásticas complexas, revelando processos de hibridização e combinação devocional.

A alta frequência desses nomes aponta para a centralidade da religião na formação cultural brasileira, bem como sugere que o nome próprio, longe de ser aleatório, é frequentemente carregado de sentidos afetivos, espirituais e culturais. Nessa noção, o significado de antropônimos pode ser abordado a partir de quatro camadas distintas e complementares, que foram discutidos e apresentados anteriormente como *significação etimológica*, *simbólico*, *enciclopédico* e *contextual*, conforme visto em Soledade (2024, p. 74) e Colling (2022, p. 17).

4 TERRITÓRIO DA PESQUISA E REFERENCIAL ESTATÍSTICO NACIONAL

Nesta seção, situamos o presente estudo antroponímico a partir de um *locus* específico: o sertão alagoano, apresentado como um espaço marcado por práticas culturais e de devoção relacionadas à fé católica. Em um segundo momento, apresentamos a plataforma do IBGE nomes no Brasil, como fonte de dados desta pesquisa.

4.1 *Locus* da pesquisa: o sertão alagoano como *locus* de fé e de cultura

Nesta seção trataremos dos procedimentos metodológicos, ao contextualizar o sertão alagoano, *locus* da pesquisa, como lugar de fé e culto. Também descrevemos etapas da coleta de dados, delimitando o *corpus* e destacando como a plataforma oficial *Nomes no Brasil*, do IBGE, é uma fonte de dados. Por fim, vislumbramos como se dará o tratamento do corpus, que considera aspectos linguísticos, especialmente nos níveis fono-morfossintáticos, e extralinguísticos, como frequência de ocorrência e práticas de homenagem.

O estado de Alagoas é um dos nove estados que compõem a região Nordeste do Brasil, tem por capital a cidade turística de Maceió e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) possui uma área de 27.836.661km² e aproximadamente 3.127.683 pessoas. O estado faz limite com Pernambuco ao norte e nordeste, com Sergipe ao sul, com a Bahia ao sudoeste e com o Oceano Atlântico ao leste. Seu território é dividido em 102 municípios, os quais se dividem nas regiões geográficas imediatas apresentadas no mapa abaixo: em laranja o sertão, em amarelo o agreste e em verde a Zona da Mata.

Imagem 5 – Mapa de Alagoas com o sertão em destaque em laranja



Fonte: Governo de Alagoas (2012).

O sertão é a área mais seca e interiorana, caracterizada pelo clima semiárido e vegetação de caatinga. O Agreste é a zona de transição entre o sertão e a Zona da Mata, com clima mais ameno e relevo acidentado. A Zona da Mata é a área litorânea, mais úmida e com vegetação de Mata Atlântica.

O sertão alagoano, região geográfica pensada como espaço que delinea nossas reflexões neste trabalho, é composto por 26 municípios, entre eles se destacam Delmiro Gouveia, Mata Grande, Olho d'Água das Flores, Pão de Açúcar, Santana do Ipanema, Piranhas e São José da Tapera.

O sertão alagoano consolidou-se como um importante centro de religiosidade popular, onde a fé se manifesta em expressivas tradições culturais e devocionais. Um dos principais pontos de referência é o *Santuário de Santa Teresinha*, localizado em Mata Grande, que atrai romeiros e devotos da padroeira. O local fortalece os laços entre a comunidade e o catolicismo popular, sendo símbolo da espiritualidade sertaneja.

Imagem 6 – Santuário de Santa Teresinha em Mata Grande-AL



Fonte: arquivo público do perfil oficial do santuário no Facebook (2025).

Dedicado à Santa Teresinha do Menino Jesus, o santuário não se constitui apenas como um espaço físico de culto, mas como um importante polo de fé, identidade e mobilização coletiva. Sua construção, iniciada por volta da década de 2010, foi viabilizada por meio de doações voluntárias, romarias e mutirões organizados entre os devotos, o que reforça seu caráter comunitário e participativo. Em 2023, o espaço foi oficialmente reconhecido como patrimônio histórico e cultural imaterial do Estado de Alagoas, por meio da Lei nº 8.910, conferindo-lhe legitimidade institucional como símbolo da fé popular sertaneja.

Além de sua relevância arquitetônica e espiritual, o santuário é o epicentro de um dos eventos mais aguardados do calendário religioso de Mata Grande: a romaria anual liderada pelo Padre Sizino, realizada tradicionalmente no mês de janeiro. Embora popularmente chamada de “feira” pelos moradores, essa celebração ultrapassa a noção de mercado, configurando-se como uma manifestação intensa de devoção e religiosidade popular.

No canal do YouTube de Afrânio Barbosa, num vídeo de 2022, intitulado *Estamos numa pequena feira em Mata Grande Alagoas*, é possível acompanhar um *tour* pela feira, que se inicia às portas do Santuário de Santa Teresinha e se estende até o centro da cidade. Durante os dias da feira, milhares de romeiros vindos de diversas cidades do Nordeste se dirigem ao santuário para participar de missas,

novenas, procissões, bênçãos e rituais de promessa. Nesse contexto, o Padre Sizo atua não apenas como celebrante, mas como liderança espiritual central, assumindo uma função social semelhante à exercida historicamente por figuras como o Padre Cícero, de Juazeiro do Norte.

A presença massiva de devotos durante a romaria também promove uma intensa movimentação econômica e simbólica no município. São montadas barracas com comidas típicas, artigos religiosos, hospedagens improvisadas e espaços de oração, compondo uma atmosfera marcada por fé, tradição e comunhão coletiva. Além disso, o evento se configura como ocasião privilegiada para a renovação das práticas promissoras e para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os fiéis e os santos de devoção.

Outro importante momento de devoção é a *visita à Serra da Onça* durante a *Semana Santa*. Considerada um cartão-postal de Mata Grande, a serra torna-se local de peregrinação, onde fiéis sobem em cumprimento de promessas e como demonstração de fé e sacrifício. Com aproximadamente 1.016 metros acima do nível do mar, a serra é considerada o ponto mais alto de Alagoas.

No município de Santana do Ipanema, o *Santuário de São Cristóvão* também se destaca, dedicado a um dos santos mais venerados da região. O Município também conta com o projeto de construção do Santuário de Sant'Ana na Serra Aguda que promete ser um importante destino para o turismo religioso, não só em Alagoas, mas em toda a Região Nordeste.

Em Água Branca, a Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição representa não apenas um símbolo religioso, mas também um marco histórico para o município. Foi edificada no ano de 1871, por ordem do capitão-mor Joaquim Antônio de Siqueira Torres, o Barão de Água Branca, o qual teria recebido, do Papa Leão XIII, a comenda de São Gregório, por ter construído, com recursos próprios, o templo que foi frequentado por ilustres figuras como o Barão de Água Branca, a Baronesa, e até Lampião e seus cangaceiros, conforme histórias regionais discutidas por Jadilson Santos (2019).

As festas em homenagem aos padroeiros ocorrem em diversos municípios, reafirmando a força das tradições católicas no sertão. Em Piranhas, celebra-se *Nossa Senhora da Saúde*; em Delmiro Gouveia, *Santo Antônio*; em Olho d'Água das Flores, destaca-se a devoção ao *Senhor do Bonfim*; e em Poço das Trincheiras, a festa é

dedicada a *São Sebastião*, entre outras celebrações que reforçam a identidade religiosa e cultural da região.

Além de seu patrimônio religioso, o sertão é reconhecido por seu rico artesanato, pelas festas populares e pela hospitalidade de seu povo. A economia local está vinculada à agricultura familiar e ao comércio, enquanto sua identidade cultural se expressa em práticas tradicionais que misturam fé, memória e resistência. Nesse sentido, a região configura-se como um importante polo de preservação da cultura alagoana, unindo história, devoção e identidade regional.

A atribuição de nomes próprios em comunidades sertanejas revela práticas onomásticas marcadas por profundas motivações religiosas e culturais. Nomes como *Sizino* e *Tereza* não apenas identificam indivíduos, mas carregam em si significados simbólicos que evocam devoção, pertencimento e continuidade histórica. Essas escolhas denominativas não são aleatórias ou meramente fonéticas, ao contrário, elas constituem atos sociais carregados de intenção, memória e fé.

No que se refere ao uso do antropônimo *Sizino*, é evidente a referência direta à figura de Cícero Romão Batista e Sizino Lemos Telles Júnior. De forma geral, a referência ao Padre Cícero acontece, pois o nome Sizo é uma forma popular e reduzida de Cícero. Em um nível mais específico, a referência ao padre Sizo acontece por seu destaque na comunidade católica sertaneja, em especial em Mata Grande, por ser um ícone do catolicismo popular nordestino e objeto de intensa veneração entre os fiéis de comunidades interioranas.

No que se refere a Marie Françoise Thérèse Martin, conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus, conforme Gambi (1997), sabemos que ela nasceu em 2 de janeiro de 1873, Alençon, França. E faleceu em 30 de setembro de 1897, em Lisieux, França. Foi canonizada pela igreja em 17 de maio de 1925. Santa Teresinha do Menino Jesus nasceu em uma família católica fervorosa. Era a última das nove filhas de Louis e Zélie Martin. Desde muito jovem, Teresinha demonstrou um profundo amor por Deus e uma sensibilidade espiritual notável.

Aos 15 anos, Teresinha sentiu um chamado para a vida religiosa e entrou no Carmelo de Lisieux, onde assumiu o nome de Irmã Teresa do Menino Jesus. Sua vida no convento foi marcada por simplicidade e humildade. Ela buscava viver o caminho pequena doutrina, o que ela chamava de "infância espiritual", que enfatiza a confiança total em Deus e a entrega incondicional ao amor divino. Teresinha é conhecida por sua

obra "História de uma Alma", onde narra sua vida e experiências espirituais (Gambi, 1997).

Nesse livro, ela compartilha suas reflexões sobre a espiritualidade e o amor a Deus, propondo uma abordagem acessível para todos os fiéis. A famosa "pequena via" que ela desenvolveu enfatiza que a santidade pode ser alcançada através das pequenas ações diárias realizadas com amor (Gambi, 1997).

Imagem 7 – Registro fotográfico de Santa Teresinha, aos 22 anos



Fonte: Site *Relíquias de Santa Teresinha*.

Assim, a nomeação de crianças com esse nome pode ser interpretada como uma forma de reatualização do vínculo espiritual que a comunidade estabelece com esse líder religioso, sendo muitas vezes motivada por promessas, curas, agradecimentos ou pedidos de proteção. Trata-se de um fenômeno comum no universo da religiosidade popular, no qual o nome próprio transcende sua função referencial e passa a funcionar como marca de fé e mediação com o sagrado.

Tais práticas de nomeação se articulam com processos socioculturais amplos que envolvem a tradição oral, a devoção familiar, a herança onomástica e a presença ativa da religião nas dinâmicas locais. Em contextos como o sertão, os nomes funcionam como operadores de memória e identidade coletiva, sendo passados de geração em geração como forma de manter vivos os vínculos afetivos com os ancestrais e com os santos protetores da comunidade.

Embora a contemporaneidade traga novas influências onomásticas, com a crescente adoção de nomes globalizados ou estrangeiros, observa-se em regiões interioranas a persistência e valorização dos nomes tradicionais. Tal resistência revela

a força das práticas culturais locais e a importância simbólica atribuída aos nomes como forma de enraizamento social, afirmação de fé e perpetuação de valores.

Em suma, os nomes *Sizino* e *Tereza*, quando atribuídos a crianças sertanejas não são apenas escolhas individuais, mas práticas culturais e religiosas que materializam uma relação profunda com o território, o que pode se manifestar com a relação entre a denominação e devoção em lugares sagrados como o Santuário de Santa Teresinha, construído com o esforço comunitário e sob a liderança do Padre Sizo, figura carismática e amplamente reconhecida entre os fiéis da região.

Assim, a prática de nomear filhos e filhas com nomes como *Sizino* e *Terezinha* transcende a esfera familiar e adquire sentido coletivo, representando uma forma de consagração simbólica da criança ao universo religioso local. A nomeação, nesse contexto, constitui um verdadeiro ato de fé, um prolongamento das promessas e dos vínculos espirituais que permeiam a vida cotidiana da comunidade matagrandense. O Santuário de Santa Teresinha e a romaria anual organizada pelo Padre Sizo operam, portanto, como forças estruturantes não apenas da religiosidade local, mas também das práticas onomásticas que moldam a memória, a identidade e a espiritualidade do sertão alagoano.

4.2 Uma introdução à plataforma do IBGE Nomes no Brasil

A coleta dos dados sobre a ocorrência dos nomes variantes foi realizada por meio do site Nomes do Brasil (IBGE, 2022), que oferece estatísticas relacionadas à forma e ao uso dos nomes de pessoas com base em pesquisas demográficas. A pesquisa foi conduzida a partir do nome padrão e de suas variantes previamente listadas, com o objetivo de verificar sua frequência.

No que tange à metodologia, inicialmente considerou-se exclusivamente a possibilidade de recorrer a fontes de dados primárias, como registros civis, considerando as possibilidades como certidões de nascimento, casamento e óbito ou, na esfera religiosa, certidões de batismo. Contudo, essa escolha apresentaria desafios metodológicos relevantes, entre eles: o acesso restrito aos documentos por questões legais, a exigência de autorizações institucionais, a dispersão geográfica dos registros e a sistematização organizacional para manipulação e organização de tais dados. Além disso, os registros civis, embora formais e oficiais, são limitados quanto à apresentação

cruzada de dados, ainda que a cultura escrita de registros civis, via batistérios e cartórios, legitime e permita o estudo sobre nomes no Brasil desde a colônia.

Nesse contexto, a página digital Nomes no Brasil apresentou-se como uma fonte de dados secundária metodologicamente acessível que também pode ser utilizada de forma integrada à primeira alternativa. Trata-se de uma ferramenta pública que oferece filtros de busca, gráficos interativos e organização de dados por década, sexo e estado. Além disso, diferentemente dos registros civis, que possuem formato rígido, o site do IBGE permite a visualização de tendências onomásticas em escala nacional e regional, possibilitando interpretações mais amplas sobre os processos de nomeação.

Embora o site do IBGE não possa ser considerado, em si, um gênero textual, enquanto plataforma digital ele integra e articula diversos gêneros informativos, como infográficos, relatórios, tutoriais de uso da plataforma, que, juntos, realizam ações comunicativas estabilizadas. A página cumpre uma função social de mediação do conhecimento, com estrutura discursiva reconhecível, propósito informativo e efeitos retóricos voltados à transparência, ao controle populacional e à promoção da cidadania.

O site do IBGE, portanto, contribui não apenas para a fundamentação metodológica da pesquisa, mas também para a ampliação da perspectiva teórica sobre os modos de produção, circulação e legitimação dos dados onomásticos. Essa abordagem possibilita reconhecer que a própria forma de apresentação dos nomes no site, com suas ferramentas de busca, ordenação e visualização gráfica, participa ativamente da construção de sentidos e da orientação da interpretação dos usuários, incluindo pesquisadores, educadores e cidadãos em geral.

Tratando-se de páginas públicas institucionais, como o site Nomes no Brasil, é possível identificar um conjunto de características que tipificam um suporte de gêneros textuais informativos integrados digitalmente. Essa plataforma tem um propósito comunicativo claramente definido: informar com autoridade sobre a distribuição e frequência dos nomes próprios no território nacional, com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Diferentemente dos registros civis, que geralmente se concretizam em gêneros textuais mais formais e rigidamente padronizados, como a certidão de nascimento, caracterizada por linguagem técnica, estrutura fixa e função legal, a plataforma apresenta uma diversidade de gêneros textuais articulados de modo a promover a interação com o usuário e a circulação de dados estatísticos em formato acessível.

Nesse ambiente digital, observam-se gêneros como a apresentação institucional, que introduz os objetivos e fundamentos do projeto; infográficos e tabelas interativas, que condensam visualmente informações quantitativas relacionadas aos nomes e à população brasileira; notas técnicas, que conferem transparência e respaldo técnico à iniciativa; e textos publicitários institucionais, que promovem campanhas e ações do IBGE. Essa multiplicidade de gêneros evidencia uma proposta comunicativa mais dinâmica, híbrida e multimodal, voltada não apenas à difusão de dados, mas à construção de uma experiência informacional acessível e participativa para o público em geral.

Imagem 8 – Interface da página Nomes no Brasil

MULHERES		HOMENS		SOBRENOMES	
1º	Maria	12 224 470 pessoas	1º	Jose	5 141 822 pessoas
2º	Ana	3 929 951	2º	Joao	3 410 873
3º	Francisca	661 582	3º	Antonio	2 231 019
4º	Julia	646 239	4º	Francisco	1 659 196
5º	Antonia	552 951	5º	Pedro	1 613 671
6º	Juliana	536 687	6º	Carlos	1 468 116
7º	Adriana	533 801	7º	Lucas	1 332 182
1º	Silva	34 030 104 pessoas	2º	Santos	21 367 475
3º	Oliveira	11 708 947	3º	Souza	9 197 158
4º	Pereira	6 888 212	4º	Ferreira	6 226 228
5º	Lima	6 094 630	6º		

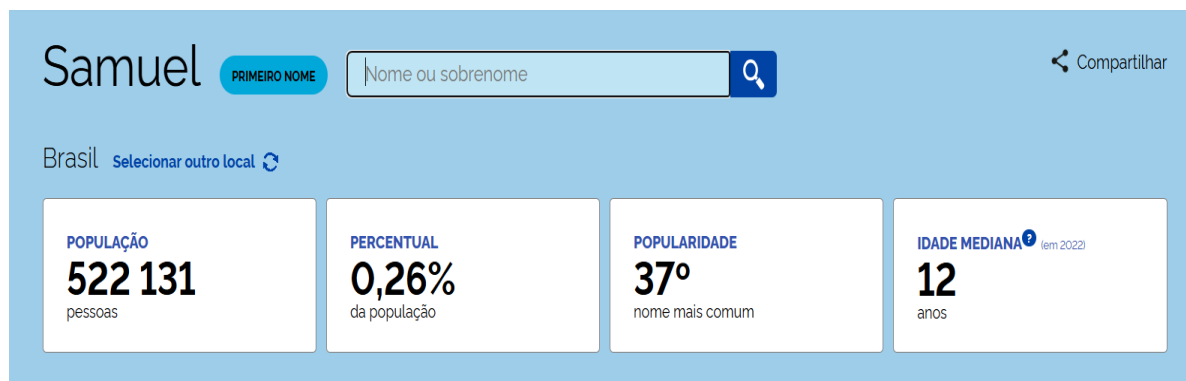
Fonte: Site *Nomes no Brasil* (2022).

A estrutura recorrente da página, com buscador, representações em rankings, com gráficas interativas, revela uma padronização que favorece tanto o acesso ao conteúdo quanto a confiabilidade da informação. Essa repetição formal e funcional atende às expectativas dos usuários. O contraste entre as cores ajuda na leitura das informações e expressa uma interface atualizada, que não se parece com o padrão institucional da versão do site de 2010.

Além disso, a página é organizada de maneira objetiva e acessível, com um campo de busca centralizado que permite ao usuário digitar qualquer prenome ou

sobrenome, a partir dele, visualizar informações quantitativas associadas à sua ocorrência no Brasil, com base nos dados do Censo Demográfico de 2022.

Imagem 9 – Busca de prenome ou sobrenome na plataforma



Significado e origem [?]

"nome de Deus", "Deus ouviu".

Segundo a etimologia, o nome Samuel possui duas possibilidades de significado, ambas de origem no hebraico *Shemu'el*. A primeira sugere que deriva dos elementos *shem*, que quer dizer "nome", e *el*, uma forma de referência divina, resultando em "nome de Deus". Outra interpretação aponta raízes no hebraico '*shama*', que significa "ouvir"; acrescido de *el*, daria o sentido de "Deus ouviu".

Assim como outros nomes de origem cristã, Samuel tornou-se muito comum após a Reforma Protestante, especialmente entre os países de língua inglesa.

Fonte: Site Nomes no Brasil (2025).

Ao pesquisar um nome o site apresenta, de forma centralizada, dados como a quantidade de pessoas com esse nome, o percentual da população que representa essa ocorrência nominal, a popularidade do nome e a idade mediana das pessoas com esse nome. Um diferencial da nova atualização é a descrição de um significado etimológico e da origem do nome, entretanto, essa atualização não está disponível para todos os nomes.

Em alguns casos, o site pode apresentar dados como a denominação do nome específico ao longo de décadas, a distribuição geográfica do nome através de mapa em estados e municípios, bem como dados de ocorrências denominativas em tabelas por localidades, como municípios. O site também apresenta nomes com maior similaridade, o que pode ajudar a identificar diferentes padrões estilísticos, e apresenta curiosidades sobre o nome, através de sentenças interativas e jogos de perguntas e respostas.

As informações são apresentadas de forma gráfica, por meio de barras e mapas interativos, permitindo ao usuário visualizar rapidamente a variação geográfica do nome. Há também menus de navegação simplificados e botões de transições entre

pesquisa de nomes, jogos de perguntas rápidas sobre o nome pesquisado e curiosidades sobre o nome próprio, sua origem, tipologia e a ciência que o toma como objeto de estudos, o que reforça a natureza dinâmica e multimodal da interface que visa compartilhar conhecimento de forma a se adaptar a tendências visuais e proporcionar mais do que dados: uma experiência virtual divertida.

Nesse contexto, pode-se argumentar que a interface do site responde a uma demanda social recorrente: tornar dados demográficos acessíveis ao cidadão comum, de forma didática e confiável, entretanto, ao mesmo tempo, essa organização facilita a utilização da ferramenta por pesquisadores de áreas como linguística, sociologia, antropologia e educação, que podem utilizar os dados como base empírica para estudos mais aprofundados. Dessa forma, a plataforma configura-se como um suporte de gêneros textuais digitais com estrutura funcional estabilizada, reconhecida socialmente e voltada à circulação de informações públicas.

A construção do site como suporte de gênero também se expressa em sua ação retórica, especialmente na maneira como orienta o olhar do usuário e projeta uma série de estímulos atrativos. O tom comunicativo da página é interativo e dinâmico, menos institucional e impessoal, com textos curtos e explicativos que informam sobre a origem dos dados, os critérios de organização e a finalidade da ferramenta. Esse tom, aliado ao layout marcado por cores vibrantes (azul, verde, amarelo, roxo e vermelho), tipografia diversas e elementos como figuras e caixas de texto, reforçam a aparente facilidade de navegação na plataforma.

A interface, por sua vez, conduz a experiência do usuário de forma intuitiva, favorecendo a clareza na navegação e a interpretação rápida dos resultados. A escolha por apresentar os dados em gráficos, mapas e listas organizadas não é neutra: trata-se de uma estratégia retórica que constrói o valor de verdade dos dados e os torna visualmente persuasivos. Assim, todos esses elementos (linguagem, design, organização e recursos multimodais) participam da construção da plataforma como uma forma de ação discursiva estatal, cujo objetivo é informar com precisão, autoridade e transparência.

Ainda que possua grande relevância institucional e ampla acessibilidade, a plataforma apresenta limitações que merecem uma análise crítica, não porque deixe de cumprir seus propósitos gerais, mas porque seu potencial de uso revela algumas restrições específicas que podem ser sinalizadas e que interessam a esta pesquisa.

A plataforma, por exemplo, não distingue variações ortográficas e acentuais, pois uniformiza grafias, dificultando estudos voltados à variação, identidade e preferências culturais. Outra limitação está na impossibilidade de examinar o nome composto, já que a ferramenta apresenta a distinção entre prenome e sobrenome, mas não de primeiro e segundo nome, impedindo estudos sobre combinações específicas de nome que podem ter relevância sociocultural.

Pode-se afirmar, assim, que o site Nomes no Brasil exerce uma função social fundamental: produzir, organizar e divulgar conhecimento público sobre os nomes de pessoas no Brasil. Essa função pode ultrapassar a mera disponibilização de dados técnicos e implicar na mediação institucional de saberes culturais, históricos e identitários. Ao oferecer ao público geral e à comunidade acadêmica uma ferramenta confiável para consultar tendências nominais ao longo do tempo e do território, o site atua diretamente na construção de interpretações sociais sobre a prática de nomear.

No contexto da presente pesquisa, essa função adquire relevância especial. A página do IBGE deixa de ser apenas uma fonte de dados numéricos e se torna parte ativa do processo de investigação onomástica, ao viabilizar o acesso sistematizado a informações sobre nomes como *Sizino* e *Tereza*, suas frequências, distribuições e variações.

Entretanto, levando em consideração as limitações da página, entramos em contato com a SEDUC de Mata Grande com o objetivo de acessar o banco de dados dos alunos matriculados na rede municipal. Tal procedimento caracteriza-se como pesquisa documental, baseada na análise de registros produzidos por órgãos públicos. Conforme Gil (2008), esse tipo de pesquisa vale-se de materiais ainda não sistematizados cientificamente, constituindo fonte relevante para estudos de natureza descritiva e interpretativa.

Os dados coletados junto à Secretaria Municipal de Educação de Mata Grande-AL foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, respeitando-se os princípios éticos da pesquisa, com a preservação da identidade dos indivíduos e a não divulgação de informações sensíveis. A análise concentrou-se nos aspectos onomásticos de 76 nomes de alunos que partilham da mesma estrutura do *corpus* do trabalho e seus respectivos anos de nascimento, o que possibilitou observar tanto o número de ocorrências dessas bases, quanto suas variações morfológicas, fonológicas e estruturais, sem qualquer associação a outros dados pessoais ou pedagógicos dos

sujeitos, possibilitando uma análise mais completa, ao complementar os dados retirados da página do IBGE.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresento o *corpus*, constituído em duas etapas complementares: descrição e análise dos dados. Na primeira etapa, descrevo os dados coletados; na segunda, exponho análises possíveis baseadas no material, discutindo os resultados à luz do referencial teórico e das questões que orientam este estudo.

Com relação à extração dos dados, o processo foi realizado por meio de consultas sistemáticas ao banco *Nomes no Brasil* (IBGE), utilizando filtros por variante que permitiram localizar todas as ocorrências relacionadas aos radicais Siz-/Ciz-/Sis- e Terez-/Teres-. As buscas foram realizadas individualmente para cada possível grafia, contemplando alternâncias fonético-ortográficas recorrentes, como a variação entre os grafemas S-, Z-, C- e diferentes processos derivacionais, que podem estar relacionados a preferências estéticas. Desse modo, são garantidos que tanto as formas canônicas quanto as variantes morfofonêmicas fossem capturadas.

Cada ocorrência foi conferida manualmente para evitar duplicações e excluir entradas que não apresentavam vínculo etimológico ou morfológico com os nomes-base estabelecidos, o que possibilitou reunir um conjunto de variantes representativo, estatisticamente confiável e adequado aos objetivos da pesquisa. Ao refletir sobre as possíveis variações dos nomes-base propostos Siz- e Terez-, foram considerados os antropônimos registrados na base de dados da plataforma *Nomes no Brasil* do IBGE e que mantêm vínculo morfológico direto com esses radicais, em diálogo com os ortônimos dos referentes *Sizino* e *Teresinha*.

A apresentação dos dados se dá via quadros, que organizam as ocorrências a partir das formas-padrão e de suas variantes, distribuídas por gênero. Adotamos *Sizino* e *Tereza* como lexias-padrão por reunirem, simultaneamente, alta ocorrência, relevância sociocultural e forte tradicionalidade nas práticas denominativas locais, considerando também suas derivações e variações morfológicas.

Seguem dados referentes às variantes para o nome-base Tereza no Quadro 3, organizados com base na frequência de ocorrência.

Quadro 3 – Variantes morfo-fonéticas para o antropônimo *Tereza*

NOME	GÊNERO DO NOME	FREQUÊNCIA (POR PESSOA)	POPULARIDADE	ESTADOS COM MAIOR OCORRÊNCIA
Tereza	Feminino	161.966	205º	PR
Terezinha	Feminino	235.891	133º	SC
Teresinha	Feminino	80.163	380º	PI
Teresa	Feminino	61.698	494º	PI
Terezina	Feminino	1.740	5631º	GO
Teresina	Feminino	1.737	5641º	TO
Terezo	Masculino	175	27903º	MA
Tereso	Masculino	45	71575º	MA

Fonte: Baseado nos dados do IBGE (2022).

Etimologicamente, a base nominal *Teresa* e seus derivados, como *Tereso*, *Teresina* e *Teresinha*, revelam origem toponímica e religiosa. Segundo Machado (1981, p. 1401-1402), o nome *Teresa* deriva do latim *Theresia*, de etimologia obscura, possivelmente associada a ilhas gregas, cuja ampla difusão se deve, sobretudo, à veneração de figuras do catolicismo, como Santa Teresa de Ávila e Santa Teresinha do Menino Jesus.

Para além de sua origem etimológica, essa motivação religiosa se projeta concretamente nas práticas históricas de nomeação. Com base na discussão apresentada por Soledade (2024, p. 309–311), observam-se as práticas denominativas da população escravizada do Rio Grande ao longo do século XVIII, a partir dos livros paroquiais de registros de batismo, considerando diferentes condições sociais, como livres, escravizados, filhos de mãe forra e filhos de mãe indígena. Nesse contexto, o nome *Teresa* é apontado como um antropônimo tradicional, introduzido pela colonização portuguesa e fortemente associado ao catolicismo. Entre os indivíduos livres, o nome figura como o 23º mais popular no período de 1731 a 1763, recuando para a 29ª posição entre 1776 e 1795.

Quanto às variantes, *Tereso*, emerge como a forma masculina de *Teresa*, sem etimologia independente, enquanto *Teresina* é uma derivação afetiva de *Teresa* ou uma reinterpretação do diminutivo *Teresinha*. Este último, amplamente difundido no Brasil, tem forte associação religiosa, especialmente relacionada a Santa Teresinha do Menino Jesus.

A análise de variantes do antropônimo *Tereza* possibilita um tratamento de frequência e de estabilidade morfológica e simbólica. A forma *Terezinha* destaca-se como a mais recorrente de todo o conjunto, com 235.891 registros, com 133º no ranking de popularidade, o que evidencia seu elevado grau de institucionalização como nome próprio e confirma a força do diminutivo afetivo no sistema antroponímico brasileiro.

Em seguida, a forma *Tereza* apresenta 161.966 ocorrências, com 205º de popularidade, demonstrando ampla difusão e consolidando-se como uma das grafias canônicas do nome. A variante *Teresinha*, por sua vez, soma 80.163 registros, com popularidade de 380º, enquanto *Teresa* contabiliza 61.698 ocorrências, figurando no 494º lugar, o que revela menor frequência relativa, mas ainda forte presença nacional. Em contraste, as versões masculinas *Tereso*, 45 registros, 71.575º lugar, e *Terezo*, 175 registros, 27.903º lugar, configuram-se como formas residuais, de circulação extremamente restrita, concentradas no Maranhão.

A análise da distribuição regional dessas variantes revela padrões socioculturais e históricos relevantes. As formas grafadas com *z*, *Tereza* e *Terezinha*, concentram-se majoritariamente na região Sul do país. *Tereza*, com 161.966 registros, apresenta maior incidência no Paraná, enquanto *Terezinha*, líder em frequência, com 235.891 ocorrências, destaca-se em Santa Catarina, indicando preferência regional consolidada por essa grafia e por formas diminutivas formalizadas.

O alto grau de popularidade dessas variantes sugere processos históricos de fixação ortográfica associados ao registro civil, à escolarização e à normatização linguística nessas regiões.

Já as variantes grafadas com o grafema *s*, *Teresa* e *Teresinha*, embora menos frequentes em termos absolutos, apresentam forte incidência no Nordeste, especialmente no Piauí. *Teresa*, com 61.698 registros e posição 494º, e *Teresinha*, com 80.163 ocorrências e ranking 380º, evidenciam padrões regionais de escrita e transmissão cultural, possivelmente influenciados pela grafia consagrada em textos religiosos, hagiografias e práticas litúrgicas. A manutenção dessas grafias reforça a coexistência de tradições onomásticas regionais no Brasil, sem prejuízo da identidade simbólica do antropônimo.

As variantes *Terezina* e *Teresina* apresentam frequência significativamente menor, com 1.740 registros em 5.631º lugar e 1.737 registros, 5.641º lugar, respectivamente. Apesar de sua baixa popularidade nacional, essas formas são relevantes do ponto de vista analítico, pois indicam um processo de derivação

morfológica por meio do sufixo *-ina*, associado tanto à feminilização quanto à formalização do nome.

No caso específico de *Teresina*, observa-se ainda uma clara relação com o topônimo da capital piauiense, evidenciando um movimento de circulação entre toponímia e antroponímia, no qual nomes de lugares passam a influenciar práticas denominativas pessoais, reforçando vínculos identitários e regionais.

As formas masculinas *Tereso* e *Terezo* constituem os casos com menos ocorrência do conjunto. *Tereso*, com apenas 45 registros e colocação em 71.575º lugar, e *Terezo*, com 175 ocorrências em 27.903º lugar, revelam estratégias excepcionais de adaptação morfológica, nas quais o radical *teres-* é ajustado ao gênero masculino por meio da vogal temática *-o*.

A concentração dessas formas no Maranhão sugere práticas locais específicas, associadas à tradição oral, à devoção familiar e à tentativa de preservar o nome de uma santa em linhagens masculinas, ainda que fora do padrão dominante da antroponímia cristã.

Do ponto de vista morfológico, destaca-se a elevada ocorrência do sufixo *-inha*, cuja expressividade se confirma empiricamente pelos números: *Terezinha*, com 235.891 registros, em 133º lugar e *Teresinha*, com 80.163 registros em 380º lugar, superam, em conjunto, as formas-base *Tereza* e *Teresa*. Esse dado demonstra que o diminutivo afetivo não apenas se legitima, mas se consolida como forma preferencial de nomeação, funcionando simultaneamente como marcador de ternura, devoção religiosa e identidade cultural.

A alternância consonantal *z/s* entre pares como *Terezinha/Teresinha* e *Tereza/Teresa* mantém equivalência fonética, sem comprometer a estabilidade do radical *terez-/teres-*, o que reforça a fixação histórica do nome na tradição cristã ocidental.

Geograficamente, embora os dados do IBGE não apontem o estado de Alagoas como aquele de maior ocorrência das variantes associadas ao antropônimo *Tereza*, essa ausência de menção nos rankings nacionais deve ser interpretada à luz de fatores demográficos. Estados como Paraná, Santa Catarina e Piauí apresentam maior contingente populacional ou maior concentração relativa dessas formas, o que eleva seus índices estatísticos.

Alagoas, por sua menor densidade populacional, tende a ter suas práticas denominativas sub-representadas em levantamentos nacionais. No entanto, no

contexto sertanejo alagoano, a presença de nomes como *Tereza* e, sobretudo, *Terezinha* mantém-se significativa não pelo volume numérico absoluto, mas por sua centralidade simbólica, sustentada pela tradição católica, pela devoção a santas homônimas e pela transmissão intergeracional no âmbito familiar. Esses fatores asseguram a vitalidade e a permanência dessas variantes no repertório antroponímico regional, confirmando o papel estruturante das motivações histórico-religiosas na cultura denominativa local.

Já o nome Sizino, variante de *Sisínio*, insere-se no campo hagiográfico latino, sem um significado lexical direto, sendo uma adaptação fonética que reflete a tradição religiosa. O feminino é usado no Brasil também como *Sizína* (Machado, 1981, p. 1356). Vejamos agora o quadro 4, organizado também pela frequência de ocorrência.

Quadro 4 - Variantes morfo-fonéticas para o antropônimo *Sizino*

NOME	GÊNERO	FREQUÊNCIA (POR PESSOA)	POPULARIDA DE	ESTADOS COM MAIOR OCORRÊNCIA
Sizino	Masculino	312	18.536°	AL
Cisino	Masculino	101	60.224°	PB
Cizino	Masculino	81	74.062°	SP
Sizo	Masculino	78	76.222°	PA
Siso	Masculino	65	55.639°	SP
Sisino	Masculino	56	61.636°	Indisponível
Sizina	Feminino	129	34.464°	AL
Sisa	Feminino	117	36.897°	SP
Siziane	Feminino	79	48.971°	Indisponível
Cizina	Feminino	98	41.927°	BA
Cisina	Feminino	33	88.550°	Indisponível
Sizinha	Feminino	24	109.849°	Indisponível
Sisina	Feminino	20	124.180°	Indisponível

Fonte: Baseado nos dados do IBGE (2022).

Após o tratamento dos dados, com padronização da grafia e estabelecimento dos termos que servem como nome padrão para referência, montamos quadros que

organizam visualmente uma categorização onomástica, reunindo as variantes em famílias lexicais, dividindo o *corpus* em dois quadros: quadro 3, Variantes de *Tereza* e quadro 4, Variantes de *Sizino*. Nesses quadros apresentamos os seguintes dados: nome, gênero do nome, frequência por pessoa, grau de popularidade do nome e estado com maior ocorrência.

Com base nos dados dispostos nos quadros, a análise estatística possibilita observar a frequência de ocorrência dos nomes, quais e quantidade de variantes e estados mais populares, evidenciando possíveis padrões de popularidade.

Os dados referentes às variantes masculinas de *Siz-* revelam que o antropônimo *Sizino* apresenta a maior frequência entre todas as variantes analisadas, com 312 ocorrências registradas. Esta estabilidade formal e a recorrência estatística indicam que *Sizino* funciona como matriz denominativa a partir da qual se derivam as demais formas. Sua maior concentração no estado de Alagoas sugere um uso historicamente consolidado no contexto regional investigado, pois apresenta a posição 18.536º de popularidade (IBGE, 2022).

A variante masculina *Sizo* registra 78 ocorrências e 76.222º no ranking de popularidade, com maior incidência no estado do Pará. Trata-se de uma forma reduzida, resultante de truncamento do nome-base, típica de processos hipocorísticos. A ocorrência fora do eixo alagoano sugere circulação ampliada da forma reduzida, possivelmente desvinculada, em alguns contextos, da motivação religiosa original.

O nome masculino *Siso* apresenta frequência de 65 registros e posição 55.639º no *ranking* de popularidade, com maior ocorrência no estado de São Paulo. Assim como *Sizo*, trata-se de uma variante abreviada, marcada por simplificação silábica e vocalização alternativa, que pode assumir o som [‘sisu], o que aponta para forte influência da oralidade e para adaptações fonéticas locais no processo de registro civil.

A forma *Sisino*, também masculina, possui 56 ocorrências e 61.636º em popularidade, não apresentando estado de maior ocorrência identificado na base consultada. Essa variante preserva a estrutura silábica do nome-base, mas introduz a alternância gráfica entre *S-* e *Z-*, mantendo-se a correspondência fonética, o que evidencia variação ortográfica sem alteração significativa do valor sonoro, fenômeno recorrente em antropônimos de baixa normatização.

Cisino é uma variante masculina que comprova esse fenômeno grafofonético: com 101 ocorrências e 60.224º no ranking, apresenta maior concentração no estado da Paraíba. A substituição gráfica de *S-* por *C-* sugere instabilidade ortográfica,

especialmente em contextos nos quais a norma escrita não se impõe de forma rígida, reforçando a interferência da oralidade e de práticas escriturais não padronizadas. O nome *Cizino*, igualmente masculino, registra 81 ocorrências e 74.062º posição e tem maior incidência em São Paulo. Nesse caso, observa-se a alternância gráfica entre S- e Z-, como acontece com *Sisino*.

No conjunto das variantes de gênero feminino para esse nome-base, *Cizina* apresenta 98 ocorrências e 41.927º de popularidade, com maior concentração no estado da Bahia. Essa forma é resultante da adaptação do nome-base pelo uso da vogal temática -a, associada à alternância gráfica inicial, que também ocorre em outros nomes listados no *corpus* e aponta para a flutuação ortográfica do grafema C, que assume o fonema sibilante /s/ inicial nesses casos. Já a variante feminina *Sizina* registra 129 ocorrências e 34.464º de popularidade, com maior incidência no estado de Alagoas. Trata-se da forma feminina mais frequente do conjunto, o que sugere forte vínculo com o nome-base *Sizino* de motivação católica aqui tratado e reforça a hipótese de continuidade denominativa no âmbito familiar na região.

Sisina, com apenas 20 ocorrências e 124.180º de popularidade, não tem registros sobre o estado de maior ocorrência. A baixa frequência indica uso restrito, possivelmente circunscrito a núcleos familiares específicos, mantendo, ainda assim, correspondência morfológica clara com o nome-base.

A forma feminina *Cisina* apresenta 33 ocorrências e 88.550º de popularidade, também sem concentração estadual identificada. Assim como *Sisina*, revela adaptação morfológica regular ao feminino, combinada à alternância gráfica inicial, reiterando a instabilidade ortográfica observada no conjunto.

Siziane, com 79 ocorrências e 48.971º de popularidade, distingue-se por incorporar o sufixo -ane, típico de antropônimos femininos de formação mais estilizada. Essa variante sugere interferência de tendências onomásticas modernas, que se afastam da matriz religiosa estrita, embora preservem o radical *Siz-*.

O nome feminino *Sisa* apresenta 117 ocorrências e 36.897º de popularidade, com maior concentração em São Paulo. Trata-se de uma forma fortemente hipocorística, marcada por redução máxima da base, indicando provável origem afetiva e posterior cristalização como nome civil.

Por fim, *Sizinha*, com 24 ocorrências e 109.849º no ranking de popularidade, representa um caso claro de sufixação diminutiva, carregada de valor afetivo, como

destaca Soledade (. A baixa frequência e a ausência de concentração regional sugerem uso pontual, possivelmente vinculado a práticas familiares específicas.

Quanto à distribuição geográfica, destaca-se a concentração dos registros de Sizino e Sizina, a forma canônica no masculino e feminino, em Alagoas, confirmando a localização regional nordestina da prática denominativa. Essa distribuição coincide com áreas de forte religiosidade popular e tradição católica, o que reforça a hipótese de que o nome *Sizino*, e suas variantes, se difundiu como antroponímia devocional, transmitida por linhagens familiares e comunidades de fé.

O conjunto de variantes femininas evidencia maior diversidade morfológica e um processo mais marcado de sufixação feminina, sobretudo com -ina, -iane e -inha. Entretanto, apesar dessa variedade, a forma feminina de Sizino, Sizina, é a que mais ocorre quantitativamente falando, apresentando 129 ocorrências. A ocorrência em torno de *Sizino* no gênero feminino é expressiva, a forma- base serviu como base onomástica para a criação feminina de variantes, fenômeno recorrente em tradições familiares e religiosas que buscam preservar o nome do antepassado ou santo de devoção, adaptando o gênero do nome.

Em termos morfológicos, os casos *Sísa* e *Siso* merecem destaque: trata-se de uma forma hipocorística e foneticamente simplificada, típica de contextos orais e de afetividade familiar. Além disso, observa-se a presença dos sufixos -ina, -iane e -inha, que marcam tanto a feminilização quanto a afetividade. As alternâncias S/C e Z/S revelam oscilação grafêmica e fonológica, e o aparecimento de *Siziane* indica um processo de inovação morfológica contemporânea, integrando ao radical Siz- um sufixo mais moderno e estendido (-iane), (SOLEDADE, 2024).

A inovação de *Siziane* reside na incorporação do sufixo -iane. Esse sufixo promove o alongamento formal e a atualização estética do nome, articulando o radical tradicional Siz- a padrões onomásticos contemporâneos, sem romper com sua matriz simbólica e devocional.

Para a composição do *corpus* empírico da pesquisa, além da consulta a bases de dados secundárias, procedeu-se à coleta de informações junto à Secretaria Municipal de Educação de Mata Grande, Alagoas. O contato institucional teve como objetivo obter dados referentes a crianças matriculadas na rede municipal de ensino cujos antropônimos correspondem às bases nominais analisadas neste estudo. Vejamos os dados apresentados no quadro abaixo.

Quadro 5 – Caracterização dos antropônimos do corpus segundo base nominal, forma, estrutura e distribuição temporal

BASE NOMINAL	FORMA REGISTRADA	ESTRUTURA DO NOME	OCORRÊNCIAS	PERÍODO MAIS FREQUENTE	OBSERVAÇÕES
Siz-	Sizino	Prenome simples / Nome composto/ Sobrenome	18	2005 e 2020	Forma masculina predominante; alta recorrência em nomes compostos
Siz-	Sizina	Prenome simples	4	2008 e 2017	Forma feminina derivada da base Siz-
Siz-	Cizino	Prenome simples / Nome composto	2	2013 e 2020	-
Siz-	Siziane	Prenome simples	1	2009	Expansão morfológica por sufixação
Terez-	Tereza	Prenome simples / Nome composto	47	2005–2023	Forma plena; número expressivo de ocorrências
Terez-	Terezinha	Prenome simples	4	1938–1975	Forma diminutiva; predominante em registros de 1930 e 1970.

Fonte: baseado nos dados disponibilizados pela SEDUC/Mata Grande (2026).

No que se refere à distribuição quantitativa, observa-se uma diferença significativa entre as duas bases analisadas. A base Terez- apresenta maior número de ocorrências em comparação à base Siz-, o que indica maior ocorrência e estabilidade denominativa. Essa diferença sugere que a base Terez- ocupa um lugar mais consolidado no repertório antroponímico local, possivelmente em função de sua forte vinculação à tradição religiosa católica, especialmente à devoção a Santa Teresa.

A base Siz- manifesta-se predominantemente por meio da forma Sizino, que constitui o núcleo masculino mais recorrente no *corpus*. Essa forma aparece tanto como prenome simples quanto integrada a nomes compostos e sobrenome. Este último tipo merece destaque, uma vez que, com base nos dados da plataforma Nomes do Brasil, esperava-se a ocorrência das bases analisadas apenas em posição de prenome e não como patronímico.

Além da forma *Sizino*, identificam-se variantes morfológicas e fonológicas, como *Sizina*, *Cizino* e *Siziane*. A forma *Sizina* evidencia um processo de adaptação por

marcação de gênero feminino, mantendo a reconhecibilidade da base lexical. Já Cizino revela uma variação grafêmica, com alternância entre e , fenômeno comum na escrita de nomes próprios e indicativo de instabilidade ortográfica associada a formas menos cristalizadas no sistema. A ocorrência isolada de Siziane aponta para um processo de expansão morfológica por meio de sufixação, sugerindo criatividade denominativa e reanálise da base Siz- como elemento produtivo.

Do ponto de vista temporal, a maioria dos registros vinculados à base Siz- concentra-se entre os anos de 2005 e 2020, o que indica relativa contemporaneidade dessas formas e certa circulação restrita a determinados contextos familiares ou regionais. A base Terez- apresenta elevada ocorrência e diversidade formal. A forma Tereza destaca-se como a mais recorrente, aparecendo majoritariamente em nomes compostos, especialmente na estrutura *Maria Tereza*, configuração tradicional da onomástica religiosa brasileira. Esse padrão reforça o caráter devocional da nomeação, uma vez que a associação entre *Maria* e *Tereza* remete à tradição católica e à prática de homenagear figuras santificadas.

Além de *Maria Tereza*, observa-se ampla ocorrência da estrutura *Tereza + segundo prenome feminino* (como *Vitória*, *Cristina*, *Larissa*, *Eduarda*), o que sugere que Tereza ocupa, nesse corpus, a função de primeiro prenome motivado religiosamente, ao qual se agrega um segundo nome de escolha familiar ou estética. Essa estratégia denominativa evidencia a coexistência entre tradição e inovação no sistema antroponímico local.

Quanto às variantes morfológicas, destaca-se a forma *Terezinha*, identificada principalmente em registros mais antigos, datados entre as décadas de 1930 e 1970, conforme o registro da SEDUC de Mata Grande. O uso do diminutivo indica um padrão denominativo característico de gerações anteriores, em que formas hipocorísticas eram mais frequentemente oficializadas em registros civis. Em contraste, os registros mais recentes privilegiam a forma plena Tereza, o que sugere uma mudança no padrão de nomeação ao longo do tempo, com retração do diminutivo como forma oficial.

Além disso, a presença dessas bases em nomes compostos e, no caso de Siz-, em posição de sobrenome, aponta para processos de reanálise e fixação identitária que ultrapassam o âmbito individual da nomeação. Desse modo, os dados confirmam que, mesmo em contextos demográficos reduzidos, como o sertão alagoano, as práticas denominativas constituem espaço privilegiado de articulação entre religião, memória social e identidade.

6 CONCLUSÕES

A presente dissertação teve como ponto de partida o problema de pesquisa formulado nos seguintes termos: como se comporta a distribuição geográfica da denominação com antropônimos variantes dos nomes-base *Sizino* e *Tereza* no sertão alagoano, segundo os registros demográficos do IBGE no século XXI? A partir dessa questão, procurou-se compreender como práticas de nomeação marcadas pela fé, por promessas, por homenagens ou por formas de afirmação identitária coletiva se manifestam no repertório antroponímico de uma comunidade situada no sertão nordestino.

Essas observações demonstram que práticas de nomeação de motivação religiosa não podem ser compreendidas fora de uma abordagem que integre variação linguística, dinâmicas devocionais e repertórios culturais locais. Sob o ponto de vista teórico, esta dissertação se insere na Onomástica, articulando contribuições da Antroponímia, dos estudos sociolinguísticos e das abordagens discursivas do próprio nome. Trabalhos como os de Martins (1991), Carvalhinhos (2003) e Amaral (2011) forneceram a base conceitual para situar o objeto no campo da Linguística.

Tomando como objetivo geral analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na recorrência desses nomes em contextos de devoção religiosa, o estudo articulou dimensões formais, socioculturais e históricas para descrever o modo como *Sizino* e *Tereza* tem circulado no sertão alagoano nas últimas décadas. Os objetivos específicos orientaram a investigação para: (i) identificar e interpretar fatores sócio-históricos e religiosos que motivam a escolha desses antropônimos na comunidade estudada; e (ii) descrever suas propriedades linguísticas, sobretudo variações fono-morfológicas que caracterizam as diferentes formas registradas.

De modo geral, a análise dos dados concedidos pela SEDUC/Mata Grande revela que ambas as bases nominais apresentam estratégias denominativas distintas. Enquanto a base Siz- mostra menor frequência e maior variabilidade formal, com indícios de criatividade morfológica e instabilidade grafêmica, a base Terez- apresenta elevada ocorrência e forte padronização estrutural. Esses dados corroboram a hipótese de que fatores culturais, históricos e religiosos exercem papel central na escolha dos nomes próprios, influenciando tanto sua forma quanto sua permanência ao longo do tempo. Já os dados quantitativos baseados a partir da plataforma Nomes no Brasil

(IBGE, 2022), revelam tendências consistentes. *Terezinha* e *Teresinha* apresentam alta frequência e ampla difusão nacional, reforçando seu caráter de nome devocional historicamente estabilizado.

O nome *Sizino*, por sua vez, apresenta uma concentração espacial significativamente maior em Alagoas, cuja função identitária desse antropônimo na região está associado à figura do Padre *Sizino*, liderança religiosa, moral e comunitária ainda presente na memória viva da população local.

A presença de formas masculinas derivadas da base *Terez-*, como *Tereso* e *Terezo*, ainda que numericamente reduzida, configurou um achado relevante. Esses nomes raros expõem um fenômeno linguístico e sociocultural de grande interesse teórico: a masculinização de nomes devocionais tradicionalmente femininos, frequentemente associada a narrativas familiares de promessa, cura, devoção ou veneração.

Do ponto de vista linguístico, a análise das variantes permitiu verificar: alternâncias entre *s/z/c* em posição intervocálica ou inicial, associadas a padrões tradicionais do português brasileiro; a frequência de uso do sufixo diminutivo (*-inho/-inha*), que manifesta tanto valores afetivos quanto usos devocionais; e processos de variação morfológica intra-paradigmática, como *Tereza/Teresa*, *Terezinha/Teresinha* e *Cizino/Sizino*.

Além disso, a pesquisa dialogou com os aportes historiográficos de Amaral e Seide (2020) e com a reflexão sobre a revolução antroponímica descrita por Soledade (2024), permitindo entender como o repertório brasileiro se transformou ao longo dos séculos e como certas tradições, embora minoritárias hoje, permanecem vivas em comunidades específicas. Nesse sentido, o sertão alagoano revela-se um laboratório para observar a permanência de formas onomásticas vinculadas à devoção católica, mesmo em um cenário de intensa diversificação denominativa. A pesquisa ainda oferece contribuições importantes para a documentação de repertórios onomásticos regionais pouco descritos; a compreensão das relações entre religião, cultura e identidade a partir do nome próprio. Ainda assim, esta pesquisa apresenta limitações que merecem ser destacadas.

A utilização exclusiva de dados do IBGE, embora forneça amplitude e confiabilidade, não permite acessar aspectos qualitativos da escolha do nome, um estudo de natureza etnográfica poderia revelar dimensões simbólicas ainda mais profundas. Com base nesses limites, sugerem-se caminhos para futuras investigações:

(i) realização de estudos etnográficos e entrevistas com moradores do sertão alagoano, que permitam captar as narrativas de nomeação e reforçar o vínculo entre fé e nome próprio; (ii) expansão do *corpus* para outras regiões do Nordeste, visando comparar padrões devocionais; (iii) análises contrastivas entre nomes de devoção cristã e nomes associados a outras tradições religiosas no Brasil; (iv) investigações histórico-documentais mais profundas, incorporando registros paroquiais, livros de batismo e fontes cartoriais; e (v) estudos linguísticos que detalhem o papel dos diminutivos, das variantes grafo-fônicas e dos padrões morfológicos na construção da identidade onomástica de comunidades rurais.

Em síntese, esta dissertação demonstra que os antropônimos Sizino e Tereza, são expressões de uma memória religiosa e comunitária enraizada no sertão alagoano. Nas últimas décadas, a análise integrada de dados linguísticos, estatísticos e socioculturais revelou que a nomeação, nesse contexto, é uma forma de participação em tradições devocionais e um modo de reforçar laços identitários. Os nomes funcionam, portanto, como veículos de cultura, depositários de crenças e testemunhos de modos de vida locais. Ao iluminar essas relações, o trabalho reafirma o valor da Onomástica como campo capaz de revelar dimensões cruciais das sociedades humanas, oferecendo caminhos fecundos para pesquisas futuras e contribuindo para a documentação e compreensão das práticas de nomeação no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa**: São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63–82, 2011.
- AMARAL, Eduardo; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. Blücher: São Paulo, 2020.
- AMORIM, Rubya Sunamita Brandão. **Onomástica bíblica: processos denominativos de pessoas e lugares**. 2022. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81–118, 1998.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Aplicação da teoria dos signos na onomástica. **Língua e Literatura**, São Paulo, v. 27, p. 299–309, 2003.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. **Hierotoponímia portuguesa: de Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de caso: Nossas Senhoras**. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLING, Patrícia Helena Frai. **Transformações das práticas nomeadoras no município de Marechal Cândido Rondon – PR**. 2022. 209 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- FRAI, Patrícia Helena. **Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras – área de concentração: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.
- FRAI, Patrícia Helena. Tendências religiosas na antroponímia rondonense. **Onomástica desde América Latina**, v. 2, n. 3, p. 82–100, jan./jun. 2021. ISSN 2675-2719. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/odal.v0i0.25725>. Acesso em: out. 2025.
- GAMBI, Orlando. **A vida de Santa Teresinha**. Aparecida: Editora Santuário, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUÉRIOS, Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; VAN DER GRIJP, Klaus; BROD, Benno. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Primeira época. Petrópolis: Vozes, 1977.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2010 e 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2026.

IGREJA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (Água Branca, AL).

Perfil no Instagram: @pascomaguabranca. Disponível em:

<https://www.instagram.com/pascomaguabranca/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

JORNADA DAS RELÍQUIAS. *Uma vida muito comum: imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Disponível em: <https://www.therese-de-lisieux.catholique.fr/pt/lhistoire/lhistoire-de-therese/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

JORNAL MG TURISMO. *Foto da construção do Santuário de Sant’Ana em Santana do Ipanema (AL)*. Disponível em: <https://mgturismo.com.br/fe-e-desenvolvimento-santuário-de-santana-projeta-santana-do-ipanema-como-polo-do-turismo-religioso-no-nordeste/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

LANGENDONCK, Van W. **Theory and typology of proper names**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1981. 3 v..

MARTINS, Francisco. **O nome próprio: da gênese do eu ao reconhecimento do outro**. Brasília: Editora da UnB, 1991.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Jandson. **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca: uma joia neoclássica no sertão das Alagoas**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais... Recife: ANPUH-Brasil, 2019.

SANTOS, Melânia. **Os onomásticos em documentos da Freguesia de São Cristóvão quando pertencente à província eclesiástica da Bahia**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SANTUÁRIO de Santa Teresinha do Menino Jesus (Mata Grande, AL). Perfil no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/santuariostmgaloficial>. Acesso em: 9 dez. 2025.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. **Entre Letras**: Araguaína, v. 4, n. 2, p. 90–101, ago./dez. 2013.

SEIDE, Márcia Sipavicius. A identidade religiosa na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, 2016.

SEMEÃO, Lucas de Almeida. **Visão sobre o batismo colonial (séculos XVI e XVII)**. In: Encontro Estadual de História da ANPUH, 25., 2020, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2020. Disponível em: <https://anpuh.org.br/>. Acesso em: out. 2025.

SOLEDADE, Juliana. **Os brasileiros e seus nomes: teoria e história da antroponímia no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2024.